

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE LETRAS



LUMEN SPARGIT

ANO XIV - Nº 22
PIRACICABA - 2025

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

2025



APL
Academia
Piracicabana de
Letras

Ano XV – nº. 22
Piracicaba – Novembro de 2025

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação anual da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na
Rua Prof. José Martins de Toledo, 109, sala 01 – Jaraguá
CEP 13403-032, em Piracicaba.
E-mail: academiapiracicabana@gmail.com
Site: academiapiracicabana.com.br
Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITORA RESPONSÁVEL:
Ivana Maria França de Negri

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada ao Editor no seguinte endereço eletrônico:
E-mail: ivanamfn@yahoo.com.br

CONSELHO EDITORIAL:
Leda Coletti
Eliete de Fátima Guarnieri
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins
Aracy Duarte Ferrari
Lídia Varela Sendin

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:
Ivana Maria França de Negri

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Monique F. Carvalho (19) 99343-7876

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Primeira Leitura

* * *

*Os textos apresentados espontaneamente para esta edição
são de exclusiva responsabilidade de seus autores.*

Sumário

Antonio Carlos Fusatto	7
Aracy Duarte Ferrari.....	12
Armando Alexandre dos Santos	13
Barjas Negri.....	18
Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal	22
Carmelina de Toledo Piza.....	26
Carmen M. S. F. Pilotto	27
Cássio Camilo Almeida de Negri.....	30
Christina A. Negro Silva	32
Edson Rontani Júnior.....	34
Elda Nympha Cobra Silveira.....	36
Evaldo Vicente.....	39
Eliete de Fátima Guarnieri	41
Elisabete Jurema Bortolin	43
Ivana Maria França de Negri	52
Leda Coletti.....	54
Lídia Sendin	57
Marcelo Pereira da Silva.....	60
Maria Madalena Tricanico de Carvalho Silveira.....	62
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins.....	63
Marisa Amábile Filleti Bueloni	66
Raquel Delvaje.....	71
Shirley Brunelli Crestana.....	76
Vitor Pires Vencovsky	79
Walter Naime	82

APL em Ação 2024.....	84
APL em Ação 2025.....	91
Diretoria da Academia Piracicabana de Letras.....	109
Galeria Acadêmica.....	110

Prefácio

É uma honra estar como Presidente da Academia Piracicabana de Letras, uma entidade guardiã da Língua Portuguesa e da Literatura, em nossa cidade de Piracicaba, que é um polo cultural. Uma honra, mas acima de tudo, um labor.

Os membros dessa entidade mantêm vivo o espírito literário, e de alguma forma trazem consigo a necessidade de ler, estudar e propagar a literatura. Uma das primícias da APL é incentivar as crianças e jovens à leitura, que traz um vasto conhecimento de mundo, culturas e modos de vida, ampliando o conhecimento.

Antônio Cândido defendia a literatura como parte dos direitos humanos devido à urgência em formar novos leitores e formadores de opinião.

Essa revista traz textos de Acadêmicos com suas diversas visões, em forma de poema ou prosa, um mundo literário de estudos e pesquisas, que enriquecem a cultura da nossa cidade.

Tem também o resumo das várias atividades que aconteceram durante o ano, incluindo projetos de distribuição de livros; oficinas em escolas, onde os alunos são os protagonistas; bate-papos e palestras que foram ministradas por escritores, abertas ao público; lançamento de livros, o Projeto Livro com Pezinhos que incentiva o livro a circular; a Flipira, Festa Literária de Piracicaba, unindo a literatura com as diversas artes e oferecendo aos cidadãos de Piracicaba e região e até de outros estados, a interação e o entretenimento em uma conexão literária, artística e cultural.

Dentro do Projeto Flipira, temos a Flipirinha, valorizando as atividades literárias de uma forma lúdica para as crianças sentirem que a leitura é importante desde a tenra idade. Temos também a Flipteen, que preza pela formação dos jovens e adolescentes para o universo literário. E esse ano com o Projeto Flipira 60 +, valorizando a vida a quem tanto contribuiu e merece seu espaço

nesse universo de leitura.

Enfim, podemos dizer que a Academia Piracicabana de Letras tem a necessidade e urgência em fomentar a literatura, e seus membros dedicam-se para essa realização.

Quero parabenizar os Acadêmicos com seus textos incríveis e desejo a todos uma excelente leitura e viagem ao mundo de muitas possibilidades e sensações. Uma sinestesia que nos proporciona, pois na literatura podemos sentir cheiros, sabores e até o tato, e através dos olhos, se lemos; ou dos ouvidos, se apenas escutamos a narração, pois nossa mente forma imagens e sensações através do universo literário.

Raquel Delvaje

Escritora, Poeta, Professora de Língua Portuguesa
e Presidente da Academia Piracicaba de Letras.

ANTONIO CARLOS FUSATTO

PATRONO: NÉLIO FERRAZ DE ARRUDA – CADEIRA 6

Conto de Natal

Pequenos sorrisos esboçados ao acaso, carrega-nos à ciranda da saudade, trazendo do âmago de nossa memória, reminiscência de um tempo não muito passado.

Relembrando esse tempo, sentimos no peito uma nostalgia que insiste em ficar:

– Aos poucos os ruídos confusos do comércio foi se acalmando; era noite, estávamos na véspera do Natal, as lojas corriam suas portas, pessoas carregadas de embrulhos e ilusões rapidamente esvaziavam as ruas e o silêncio ocupava-lhes o lugar.

Algumas vitrines permaneciam acesas, todas enfeitadas com festões, bolas de cores variadas, sininhos, e os mais variados presentes, insinuando que naquela noite, Papai Noel os entregaria para todas as crianças.

Festa de luzes persistia pela noite adentro, tanto nas praças como nas residências dos mais abastados, onde a iluminação deslumbrante, enchia de alegria os olhos daquele que em meio a abundantes banquetes, com os mais variados pratos e finas bebidas, aguardavam ansiosamente o badalar da meia noite, para comemorarem o aniversário do Menino Deus.

A noite estava úmida, um ventinho frio e intermitente perturbava os últimos noctívagos que perambulavam pela praça, vez ou outra pequenos grupos de pessoas passavam rapidamente, em direção à Catedral para assistirem à chamada Missa do Galo.

Bando de pardais que procuraram o aconchego nas árvores da praça, perturbavam constantemente as últimas pessoas que persistiam em conversar nos bancos sob elas, e, eu fazia parte deste clube de noctâmbulos; foi quando notei em um canto da velha praça, um grupo de maltrapilhos garotos de “rua”, alguns sonolentos deitados nos bancos, bocejavam apaticamente, mais parecendo um profundo suspiro, transparecendo que desistiram de esperar “Papai Noel”; outros empolgados pelo ar festivo da noite faziam tanto barulho que chegavam a assustar os passarinhos que dormi-

tavam nos galhos mais baixos.

Observando o entusiasmo destes garotos, maltrapilhos e sub-nutridos, monologuei: Como podem estar assim alegres, estes pobres rejeitados da sociedade? E comecei prestar mais atenção ao que diziam:

– Um pirralho comentava com outro: Será este, o ano de meu Natal?

“Ah! Se Papai Noel aparecesse agora!”

Ao pronunciar esta frase, senti nela um misto de dor e esperança, como se ela fosse pronunciada por ele todos os anos... mais parecia um esquisito lamento, inundado d’uma esperança sempre renovada.

Na profundidade da noite, enquanto a cidade ainda festejava com pompas o aniversário D’Aquele que humildemente nasceu numa manjedoura, eu permanecia observando os esperançosos hóspedes daquela praça; alguns balbuciavam gírias, a mim desconexas, num tom misterioso e desconhecido; outros já reclamavam da fome e frio, e queriam silêncio para dormirem em suas aconchegantes camas de jornais.

Outros com olhares serenos e cansados, perdiam-se na contemplação do vazio, parecia que um turbilhão convulsionava em suas mentes. E o tempo passava...

Eu observando-os tentava compreender o desequilíbrio social, meu jovem cérebro era uma arguição total: Quem somos nós? Que fazemos aqui? De onde viemos? Etc. etc., e, eles já acostumados com minha presença, notei que, comecei a despertar-lhes uma certa curiosidade. Alguns mais ousados começaram a perguntar: “Moço! Quem é você? Também num tem casa pra passa o Natal?” A cada pergunta eu sorria e meneava cabeça, sem nada responder, talvez para ganhar mais confiança do grupo ou falta de coragem para a resposta. Foi quando notei que dentro daqueles olhos aparentemente tristes, havia ainda o sorriso infantil de uma criança!

E a curiosidade do grupo sobre seu mais “velho” novo membro aumentava, até que tornamo-nos “amigos”. Mas, eis que um vento frio e invejoso, cansado de correr mundo e conhecer segredos das pessoas, infiltrou-se em nosso meio, envolvendo-nos a todos e contou ao grupo o segredo de minh’alma de boêmio; eu estava ali

porque gostava da noite e dos que dela faziam parte, mas trouxe também com ele, uma chuvinha fina e persistente, fazendo com que aquela infância perdida e sonhadora partisse apressada em meio de gotículas frias e impertinentes, à procura de outro abrigo mais aconchegante; mesmo na pressa da partida deu para sentir que dentro deles também batia um coração com sentimentos fraternos, ao me convidarem: “Num vai com a gente tio?”

Os anos foram se acumulando, e hoje, ao ouvir os acordes sonoros das músicas natalinas, veio-me à lembrança, aquele grupo de garotos de rua:

– Quantas noites depois daquela eles ficaram entregues ao sabor do vento que vergasta, do pó que asfixia e da chuva que embebe?

– Quantas noites choraram e gemeram em sua solidão?

– Quantas noites dormiram famintos?...

Neste momento bateu-me a saudade:

– Saudade do vento frio e invejoso, mas tão amigo e confidente;

– Saudade da chuvinha fria daquela madrugada;

– Saudade dos pardais inquietos e barulhentos que se embalavam nos ramos das árvores;

– Saudade daqueles garotos de rua?... Não sei, pois outros existem tomando-lhes os lugares, e ...

É! garotos, meus companheiros de uma Noite de Natal!...

Hoje vocês devem ser adultos..., por onde andam?...

Entre outras pessoas e caminhos diferentes, seguiremos nossos destinos, até..., de tudo..., daquela mística noite, uma bela amizade surgiu, e como uma delicada flor logo murchou; mas, a recordação constante de que somos eternos aprendizes da “Escola da Vida”, nos acompanhará sempre, pois ela está sempre ensinando e nunca diplomando ninguém.

Meninos de rua! Já que os homens não os veem, olhem para o caminho do infinito e buscai entre as estrelas, as Forças Cósmicas do Universo, para fortalecê-los, norteá-los e dar-lhes a felicidade que merecem.

A cada momento o Criador concede a todos a bênção do trabalho; é através deste, por mais modesto que seja, que conquistarão o respeito de todos que os cercam, a riqueza das experiências,

as soluções para o tédio e o socorro para todas dificuldades.

“Assim como o relaxamento é ferrugem para a enxada, em benefício do mato, o tempo vazio é o flagelo da alma, em favor das energias perniciosas que devastam nossa vida.”

Não acreditem no poder absoluto das circunstâncias adversas, a se mostrarem constantes nos eventos da marcha.

“Um inimigo pode ser: medo da dor física, sensação prematura da vitória ou desejo de abandonar a luta por achá-la que não vale a pena lutar”; não desistam, lutem por seus direitos, por seus espaços e quando sentirem prestes à derrota, lutem com mais energia, pois vocês também são filhos do Universo e como tal tem direito à vida!

Quer seja inteligível ou não para vocês, a evolução do Universo se desenrola conforme os planos de seu ARQUITETO, portanto estejam sempre em paz com ELE, qualquer que seja a forma de vocês concebê-Lo.

FELIZ NATAL!

Magia de natal

Na praça, festa de luzes,
mãos carregadas de pacotes e ilusão.
Crianças ricas ganham presentes,
crianças pobres, fome e decepção!

Dos pinheiros garbosos nas salas,
descem festões multicores, em curvas graciosas.
Aguardam Menino Deus, com festas tão caras...
ao longe na capela, coral de vozes maviosas.

Lá fora, chuva fina persistente,
vento mensageiro, cansado de correr mundo.
Penetra pela fresta, som estridente,
sussurra ao pinheiro todo segredo oriundo...

De repente, num repente quase mágico,
lampadinhas começam a piscar.
Sininho tintinabulam delicados,
meia noite! Menino Deus vai chegar!

Noite maravilhosa, abraços, mãos que acariciam,
festões, bolas, presentes, risos crianças,
Anônimos meninos de rua, só presenciam!
É! ...meninos de rua: só Menino Deus traz esperanças!...

Minha princesa

Oh! Linda menina Estela,
alma ora ardente, ora serena e pura.
Dona d'um olhar ora fulgurante como estrela,
ora manso e delicado, muita formosura!

E, neste abraço querida neta,
que ainda não te dei.
Guardo os versos mais lindos
Que te fiz, e outros que tentei.

Mas minha tortura, inda é maior,
não ser poeta assim como, tu és linda.
Pra gritar num verso apenas,
Meu amor por ti, neta querida!...

És das estações do ano,
somente primavera,
Ao céu agradeço e clamo:
Ó princesa adorada, ficar sempre contigo quisera!...

ARACY DUARTE FERRARI

PATRONO: JOSÉ MATHIAS BRAGION – CADEIRA 16

Para Francisco

Com a sensibilidade exposta
O intelecto reprimido
A saudade sentida
Afirmo convicta

A ausência de Sua Santidade
No planeta Terra
A população de diversas nações
Está entristecida!

Mas felizes em sentir que
Estás no reino de Deus
Jesus, Maria e José o receberá
No céu continuará nos abençoando.

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

PATRONO: BRÁSÍLIO MACHADO – CADEIRA 10

A decadência do Império Romano

Um assunto muito debatido, entre os historiadores, é a decadência do Império Romano. Por que terá ele decaído? Quais os fatores que explicam que um poderoso Império, sólido, bem constituído e bem organizado, que durante mais de um milênio havia sobrevivido a crises e dificuldades sem conta e chegara a dominar estavelmente a maior parte do mundo então conhecido, possa ter declinado e chegado ao ponto de desaparecer?

Existem muitas teorias explicativas para essa decadência. No fundo, podem ser reduzidas a dois grandes grupos. O primeiro considera que o Império morreu naturalmente, em decorrência de um processo de envelhecimento que o levou ao declínio e à morte. O segundo procura causas externas e mais imediatas, que teriam provocado uma crise à qual o Império não teve forças para resistir.

Discute-se muito, também, qual o papel do cristianismo nesse processo. Na época em que ele se dava, remanescentes do paganismo criticavam abertamente os cristãos, apontando em sua doutrina elementos que, segundo eles, seriam contrárias às antigas virtudes romanas. A mansidão, o desejo de paz e concórdia, a recomendação evangélica de não reagir aos insultos, mas perdoá-los e oferecer novamente a face ao agressor, tudo isso teria produzido um enfraquecimento da rija têmpera dos antigos romanos.

É muito difícil, hoje em dia, compreendermos até que ponto o cristianismo causava estranheza aos pagãos. A misericórdia, a compaixão, a caridade, eram coisas desconhecidas entre os pagãos. Até mesmo os filósofos estoicos, que apresentam tantos aspectos de elevação moral, professavam ideias que, aos nossos olhos, não podem deixar de parecer uma profunda crueldade.

Transcrevo, a propósito, um espantoso texto de W. Devivier S. J.:

“Marco Aurélio, imperador filósofo, que passa por um dos mais atilados do paganismo, afirma com sinceridade que o apiedar-se dos desgraçados e o chorar com os que choram, é um sinal de fra-

queza. E Sêneca diz que a misericórdia é um vício do coração; e as pessoas honradas devem evitá-la: *‘Misericordia animi vitium est; boni misericordiam vitabunt’*. O homem prudente não tem misericórdia, diz ele ainda: *‘homo sapiens non miseretur’*. Eis, segundo Cícero, alguns preceitos do estoicismo: só os tontos ou os néscios é que são compassivos; o homem verdadeiramente homem nunca se deixa comover nem dobrar; dar ouvidos à compaixão, é um crime e uma maldade. (...) Numa sociedade, em que universalmente se ensinavam tais máximas, está claro que os miseráveis e os desgraçados não só não excitavam a comiseração pública, senão que, pelo contrário, causavam desprezo, aversão e horror. *‘Dar de comer e de beber a um pobre, diz Plauto, é uma dupla loucura: para si, porque é perder o que se tem; e para ele, porque é prolongar a sua miséria’*. *‘O pobre, afirma Epiteto, está abandonado como um poço inútil, vazio, infecto, que a vista contempla com nojo’*. Em Atenas e no Egito um homem que não tinha pão e que o ia pedir, era pela lei condenado à morte.” (Apologetica Christã. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 3a. edição, 1925, p. 454).

No mundo pagão, era completamente desconhecida a instituição do hospital, ou seja, um local para serem recolhidos e tratados os doentes, a fim de serem curados, se a recuperação fosse possível, e de sofrerem o menos possível, caso sua enfermidade fosse incurável. Havia médicos, que eram consultados para alívio e cura dos doentes, mas quando uma doença se reputava incurável, o doente, mesmo sendo rico, era abandonado para morrer depressa. O primeiro hospital, propriamente dito, de que se tem conhecimento em todo o Ocidente, foi fundado por volta do ano 390 por Santa Fabíola, dama nobre romana que doou boa parte de seu patrimônio para que na praia de Ostia, perto de Roma, fosse fundado um grande estabelecimento, em que pudessem ser acolhidos gratuitamente pobres enfermos. Mais ou menos simultaneamente outros dois hospitais foram fundados por cristãos no Oriente, um na Capadócia, por sugestão de São Basílio de Cesareia, e outro em Edessa, fundado por Santo Efrém.

Que o cristianismo combateu uma série de hábitos entranhados na cultura antiga dos romanos é fora de dúvida. Mas parece excessivo ver nesse combate a causa do amolecimento do caráter e

da fibra da velha Roma. Pelo contrário, o cristianismo representou, na decadente sociedade romana, um papel de renovação e fortalecimento, como destacou Santo Agostinho (354-430) na *Cidade de Deus*, obra escrita naquele período, justamente para defender o cristianismo contra seus críticos que o apontavam como inimigos do Império. Em uma carta, ele chega a afirmar:

“Os que dizem que a doutrina de Cristo é contrária ao bem do Estado deem-nos um exército de soldados tais como os faz a doutrina de Cristo, deem-nos tais governadores de províncias, tais maridos, tais esposas, tais pais, tais filhos, tais mestres, tais servos, tais reis, tais juízes, tais contribuintes, enfim, e agentes do fisco tais como os quer a doutrina cristã! E então ousem ainda dizer que ela é contrária ao Estado! Muito antes, porém, não hesitem em confessar que ela é uma grande salvaguarda para o Estado quando é seguida.” (Epist. 138 ad Marcellinum, cap. II, n. 15)

Na verdade, nos primeiros séculos da Era Cristã o Império Romano estava velho e cansado, e precisava de renovação. As nações, os impérios, os povos, também têm um ciclo de vida, assim como nós, homens ou mulheres individualmente considerados, temos o nosso ciclo vital. Os impérios nascem, crescem, tornam-se adultos, depois envelhecem e morrem. Essa a lei da vida. Tudo tem seu tempo inicial, seu crescimento, seu auge e sua decadência.

O poderio romano, quando se expandiu nos tempos de César e, depois, nos de Augusto, ainda possuía uma dinâmica extraordinária, mas algo de sua velha seiva já parecia um tanto diminuído. Roma provavelmente acabou vitimada por seu próprio gigantismo. Cresceu demais, incorporou povos demais, deixou que se corrompesse a sua aristocracia. A defesa do Império, cada vez mais passou a ser feita por forças conscritas de povos conquistados, não mais pelo antigo e tradicional patriciado de Roma. Tudo isso foi marcando uma decadência. O Império precisava de uma renovação, tinha necessidade absoluta dela.

Essa renovação teria sido representada pelo Cristianismo, se tivesse sido bem recebido. Em um livro dedicado ao estudo da sociedade romana nos dois primeiros séculos da Era Cristã (*Sainte Cécile et la société romaine aux deux premiers siècles*. Paris: Firmin Didot, 1874), D. Próspero Guéranger (1806-1875) sustenta, ba-

seado em sólida documentação primária da época, que na sociedade pagã havia uma série de elementos saudáveis, que poderiam ter tomado nova força num contexto cristão, de modo que houvesse uma transição harmônica da velha Roma para uma civilização cristã que depois se estenderia aos povos chamados bárbaros. Mas não foi o que ocorreu.

O cristianismo, com sua mensagem nova de dignificação da pessoa humana, não foi bem aceito pelo establishment romano, e foi até mesmo objeto de perseguições que se estenderam, com hiatos, por quase 300 anos. Mas pouco a pouco foi penetrando nas capilaridades da tessitura social romana e foi ganhando foros de cidadania. Quando, em princípios do século IV, afinal foi reconhecida a liberdade do cristianismo, na ótica de D. Guéranger já era tarde demais para salvar o Império, que tinha seus dias contados. Roma continuou a ser a Cidade Eterna, a capital da Cristandade, uma referência para o mundo inteiro. Todos os caminhos continuaram a conduzir a Roma... Mas o Império Romano, enquanto tal, parecia fadado a desaparecer, como de fato desapareceu.

Por outro lado, não parece aceitável a tese que alguns autores professam, segundo a qual o principal fator da queda do Império Romano tenha sido a força armada dos invasores bárbaros. A experiência da História mostra que uma estrutura tradicional e bem consolidada através dos séculos, como era o Império Romano, costuma ser praticamente indestrutível de fora para dentro enquanto se mantém coesa e firme, mas, paradoxalmente, é muito frágil se se deixa apodrecer por dentro. A fragilidade dela estava no seu interior, não nas ameaças externas. Se o Império não tivesse decaído internamente, ele teria resistido muito mais tempo. Roma tinha passado por outros riscos, por outras tempestades, e sempre saíra incólume, porque os tempos eram outros e seu organismo social estava sadio. Mas, na fase de decadência, tudo estava apodrecendo por dentro.

“*Alios ego vidi ventos, alias prospexi animo procellas*” (Já vi outros ventos, já enfrentei outras tempestades), escreveu Marco Túlio Cícero (Familiars, 12, 25, 5, 12). Isso é o que Roma responderia à avalanche dos povos bárbaros se não estivesse emburguesada, amolecida e corrompida.

Não se pode, é claro, ignorar problemas políticos, econômicos, administrativos, numa análise dessas. O crescimento desmesurado do Império Romano, seu gigantismo, sua necessidade de ser, ao mesmo tempo autoritário e centralizador, mas também abrangente de muitos povos e culturas, tudo isso foi minando suas forças.

Formalmente, o Império se manteve íntegro até à queda de Roma, em 476. Mas já o saque de Roma por Alarico, em 410, abalou-o profundamente, dando-lhe uma sensação de insegurança e instabilidade que deixou marca nos escritos de Santo Agostinho. É impossível não fazermos analogia com o 11 de setembro de 2001, quando o atentado contra as torres gêmeas de Nova York patenteou a fragilidade das instituições modernas, o que talvez, no futuro, venha a ser considerado um marco histórico de grande significado.

BARJAS NEGRI

PATRONO: LEANDRO GUERRINI – CADEIRA 5

CO-AUTOR: MIROMAR APARECIDO ROSA – JORNALISTA

Os patronos da Academia Piracicabana de Letras
homenageados pelas ruas de Piracicaba

A Academia Piracicabana de Letras (APL) foi fundada em 11 de março de 1972 e completou 53 anos em 2025. Seu primeiro presidente foi João Chiarini, que permaneceu no cargo até seu falecimento, em 1988. Desde então, a entidade vem cumprindo seu papel de preservar a memória literária e cultural de Piracicaba.

Nesse mesmo espírito de valorização da história e das personalidades locais, nasceu o projeto do livro *Almanaque 1001 Ruas*, idealizado e publicado por Barjas Negri, Miromar Rosa, Kátia Mesquita e Fábio Bragança. A obra reúne pesquisa histórica, memória cultural e um olhar atento sobre a cidade e seus homenageados, sendo lançado em 8 de outubro, no auditório da Acipi.

A partir dessa publicação, surgiu também a curiosidade de identificar quais patronos da Academia Piracicabana de Letras (APL) haviam recebido reconhecimento público, seja em denominações de vias, próprios municipais ou outras homenagens oficiais.

Ao final da pesquisa, constatou-se que tanto o Poder Executivo quanto o Legislativo municipal tiveram a sensibilidade de valorizar diversos patronos da Academia por meio de leis e decretos. Vale destacar que alguns nomes, como Prudente de Moraes e Luiz de Queiroz, já haviam sido homenageados há muito tempo, em razão de sua relevância histórica.

Patronos com nomes de ruas, travessas
ou avenidas de Piracicaba

Dos 40 patronos da APL, encontramos 21 que emprestam seus nomes a logradouros públicos na cidade:

- Cadeira 02 – Rua Jaçanã Altair Pereira Guerrini – Higienópolis;
- Cadeira 03 – Rua Luiz de Queiroz – Centro;
- Cadeira 07 – Rua Helly de Campos Melges – Jardim Vitória;
- Cadeira 10 – Rua Brasília Machado – Paulista;
- Cadeira 11 – Rua Benedicto de Andrade – Unileste;
- Cadeira 12 – Rua Ricardo Ferraz de Arruda Penteado – Jardim Elite;
- Cadeira 13 – Rua Dario Brasil – Piracicamirim;
- Cadeira 15 – Rua Archimedes Dutra – Santa Rosa/Ipês;
- Cadeira 17 – Rua Virgínia Prata Gregolin – Parque São Matheus;
- Cadeira 21 – Travessa José Ferraz de Almeida Júnior – Nova América;
- Cadeira 22 – Rua Erotides de Campos – Paulista;
- Cadeira 24 – Rua Maria Cecília Machado Bonachela – Reserva do Engenho;
- Cadeira 25 – Rua Francisco de Castro Lagreca – Vila Independência;
- Cadeira 26 – Rua Nelson Camponez do Brasil – Maracanã;
- Cadeira 29 – Avenida Laudelina Cotrim de Castro – Bosque da Água Branca;
- Cadeira 30 – Rua Jorge Anéfalo – Parque Orlando;
- Cadeira 31 – Rua Victório Ângelo Cobra – Altos da Pompeia;
- Cadeira 33 – Rua Fernando Ferraz de Arruda – Santa Teresinha;
- Cadeira 35 – Rua Prudente de Moraes Barros – Centro/Alto;
- Cadeira 36 – Rua Olívia Bianco – Jardim Brasília;
- Cadeira 37 – Rua Sebastião Ferraz de Barros – Jardim Itapuã.

Patronos com nomes de ruas na cidade de São Paulo:

- Cadeira 22 – Rua Léo Vaz – Jardim Caravelas;
- Cadeira 40 – Rua Barão de Rezende – Ipiranga.

Patronos homenageados com escolas municipais e estaduais:

- Cadeira 01 – E.E. João Chiarini – Vila Fátima;
- Cadeira 02 – E.E. Jaçanã Altair Pereira Guerrini – Vila Independência;
- Cadeira 04 – E.M. Haldumont Nobre Ferraz – Vem Viver;
- Cadeira 06 – E.M. Nélío Ferraz de Arruda – Novo Horizonte;
- Cadeira 20 – E.E. Benedito Evangelista Costa – Jardim Gilda;
- Cadeira 32 – E.M. Thales Castanho de Andrade – Kobayat Líbano;
- Cadeira 36 – E.E. Olívia Bianco – Jaraguá;
- Cadeira 38 – E.E. Elias de Mello Ayres – São Dimas.

Outras homenagens significativas:

- Cadeira 05 – Praça Leandro Guerrini – Castelinho;
- Cadeira 08 – Teatro Municipal Dr. Losso Neto – Centro;
- Cadeira 09 – Sala 1 do Teatro Dr. Losso Neto “José Maria de Carvalho Ferreira” – Centro;
- Cadeira 15 – Escola de Mães Branca Motta de Toledo Sachs – Bairro Alto;
- Cadeira 19 – Casa de Passagem Ubirajara Malagueta Lara – Jardim Califórnia;
- Cadeira 27 – Pavilhão de Zoologia Salvador de Toledo Piza Júnior – ESALQ/USP;
- Cadeira 28 – Parque Esportivo e de Lazer Delfim Ferreira da Rocha Neto – Cecap;
- Cadeira 39 – Ponte sobre o Rio Piracicaba “José Luiz Guidotti” – Morato.

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) e a rodovia que liga Piracicaba a Santa Bárbara D’Oeste e Americana homenageia o patrono Luiz de Queiroz, enquanto o Museu Histórico e Pedagógico de Piracicaba perpetua o nome do patrono Prudente de Moraes Barros.

Patronos ainda sem homenagens em Piracicaba:

- Cadeira 16 – José Mathias Bragion;
- Cadeira 18 – Madalena Salatti de Almeida;
- Cadeira 34 – Adriano Nogueira.

Estes nomes ainda não constam em ruas ou equipamentos públicos na cidade, sendo possível corrigir essa ausência por meio de articulação junto à Câmara Municipal.

A história da Academia Piracicabana de Letras se confunde com a própria história cultural da cidade. Ao longo das décadas, os patronos, figuras de destaque nas letras, nas artes e na vida pública, foram gradualmente incorporados à memória urbana, deixando suas marcas em placas, escolas, praças e monumentos. Reconhecer e preservar esses nomes é também valorizar a trajetória intelectual e social de Piracicaba.

BIANCA TERESA DE OLIVEIRA ROSENTHAL

PATRONO: VICTORIO ANGELO COBRA – CADEIRA 31

Pais gestores de suas emoções

“Pais emocionalmente saudáveis geram filhos emocionalmente fortes. Pais que não aprendem a gerenciar suas dores podem, sem perceber, transferi-las para os filhos.”—

Augusto Cury

Vivemos a era dos pais exaustos: pressionados pelo trabalho, conectados o tempo todo e tentando acompanhar o ritmo dos filhos digitais. O desafio de hoje não é apenas prover – é ensinar a sentir, escutar sem julgar e cultivar vínculos reais num mundo que insiste em ser virtual.

Quero destacar alguns pontos essenciais para que possamos ajudar crianças e jovens a desenvolverem a gestão das emoções:

- Aprendermos, enquanto pais, a gerenciar as nossas próprias emoções. Esse é um dos pontos fundamentais desta reflexão. Antes de ensinar nossos filhos a lidarem com a raiva, o medo ou a frustração, precisamos reconhecer como nós mesmos reagimos a essas emoções. A criança aprende muito mais pelo exemplo do que pelas palavras. Se os pais perdem o controle facilmente, gritam ou se calam de forma hostil, estão ensinando – mesmo sem perceber, que esse é o modelo de resposta diante do desconforto. Quando, ao contrário, mostramos calma, autorregulação e capacidade de refletir antes de reagir, transmitimos segurança emocional;
- Compreender o que está por trás dos comportamentos, elaborando estratégias e evitando elevar o tom de voz ou gritar. É fundamental praticar a arte do diálogo fora dos momentos de tensão — conversar sobre nossas experiências, falar dos medos e fracassos que enfrentamos, bem como das vitórias que alcançamos;
- Contemplar o belo. Ensinar uma criança ou um jovem a contemplar o belo é muito mais do que apreciar o que é esteticamente bonito de acordo com os padrões. É ajuda-los a

enxergar com o coração – perceber o detalhe, a sutileza, a harmonia que existe nas coisas simples da vida, tais como o pôr do sol, o som da chuva, as pétalas de uma flor, um ato de gentileza e até a capacidade humana de recomeçar.

- Ensinar desde cedo o valor de pensar coletivamente e agir em prol da humanidade;
- Estimular o pensamento criativo (ou antidialético), resgatando o lúdico e a importância da arte, da literatura, da dança, da música, da pintura, da contação de histórias e do teatro.

A poesia infantil, por exemplo, é uma ferramenta extraordinária: estimula a sensibilidade, enriquece o vocabulário, fortalece a memória por meio de jogos de palavras e rimas, desperta a criatividade e até auxilia na psicomotricidade — afinal, poesias podem ser coreografadas. Meus contos infantis, inclusive, também são rimados.

- Incentivar a prática de atividades físicas, preferencialmente ao ar livre;
- Aprender a lidar com perdas e frustrações;
- Transformar simples desejos em sonhos — os jovens precisam resgatar seus sonhos;
- Construir pontes com os filhos adolescentes, cultivando um olhar individualizado para cada um, pois todo ser humano é único.

Os adolescentes de hoje vivem em uma sociedade altamente competitiva, repleta de estímulos digitais que frequentemente os sobrecarregam e geram sentimentos de inadequação. Muitos pais relatam que parecem “falar com uma parede”, que suas palavras são distorcidas e não há entendimento.

Precisamos equilibrar afeto e limites. Não adianta confrontar de forma ríspida ou elevar o tom de voz, pois isso ativa no cérebro do adolescente o chamado “sistema de fuga”: ele tende a se fechar ou reagir com fúria — e o ensinamento se perde. Evite comparações. E nunca acredite que seus filhos já não precisam tanto de você na adolescência: eles precisam, e muito.

Elogie antes de criticar. O elogio abre espaço para uma refle-

xão mais profunda. Faça perguntas inteligentes, sem julgamento. Ouça com atenção e demonstre o quanto acredita na capacidade de transformação de seus filhos. Surpreenda-os com gestos de afeto e confiança.

A melhor viagem

Aura nunca admitiu. Jamais permitiu que os sentimentos sórdidos que dilaceravam a sua alma escapassem de seu interior. Negava-os incessantemente para si mesma. Consequia rir e parecer uma mulher divertida entre as suas amigadas superficiais. Postava ostentações com frequência: objetos adquiridos com o alto salário, viagens, taças de vinho na mão, restaurantes caros.

Alguns conseguiam perceber certo amargor na vida, mas Aura sempre negava quando questionada. Não conseguia manter relações duradouras, em especial por conta dos abusos sofridos no passado. Os seus pensamentos assombravam-na todos os dias, verdadeiros fantasmas que ela fazia questão de mascarar, forçando uma vida de deslumbre na qual só importavam as roupas, os sapatos, a maquiagem cara, o carro de luxo, os passeios exóticos, as aparências. No trabalho, costumava ferir as pessoas, mas era porque ela mesma estava ferida, arrasada, muito embora não conseguisse aceitar, pois pensava que assim iria demonstrar fraqueza.

Certo dia, resolveu encarar o espelho. De frente, sentada em uma poltrona, conversava com os seus pensamentos e ouvia a voz interior impulsionar o ato: “você precisa fazer algo a respeito, não pode continuar enganando a você e a todos”. Desconfiou da imagem refletida: roupa bonita, cabelo escovado, unhas feitas. Parecia manter o controle, até que resolveu encarar o próprio olhar, penetrando profundamente na íris dos olhos. Estremeceu e, naquele momento, esvaziou-se de qualquer esperança que ainda pudesse sentir. O olhar dizia tudo o que ela negava: estava perdido, gélido, devastador. Percebeu-se no abismo, e uma dor imensurável e negra tomou conta de seu ser com tamanha força que não foi mais possível sufocar. Gritou! Gritou e chorou copiosamente. Sem a ajuda profissional, a sentença de Aura estava escrita. Era mês de setembro. Então, por um instante, encarou de novo o seu olhar

no espelho. Recordou do folheto que recebeu na véspera e discou o número que estava nele na tentativa de resgatar a sua vida. Após conversar com a atendente e a sua solicitude, percebeu que era a coragem que ainda lhe movia e resolveu trilhar a melhor jornada de sua vida: a viagem em busca de si mesma.

CARMELINA DE TOLEDO PIZA

PATRONESSE: LAUDELINA COTRIM DE CASTRO – CADEIRA 29

Crescer

A minha escrita é para a minha criança ferida.
Mas as palavras soltas... É para abraçar a criança com amor.

Menina pequena tentava caminhar, mas caía.
Levantava... dois passos e caía.
Não desistia.
Andar era o que mais desejava.
Queria ver o outro lado do lado de lá.

E quando começou a andar... queria correr.
Vem os tombos: joelho ralado, a tampa do dedão levantada e
o famoso galo na testa.

Cresceu!
A vida lhe dá momentos de descobertas.
É a mulher em si no andar, correr e viver intensamente a
leveza intoxicante de ser.
Hoje a velha sábia ri quando lembra dos tombos e das quedas.
Já não corre mais, mas suas histórias voam levadas pelo vento
que venta folhas, textos, sonhos, palavras e segredos segredados
pela vida.
Ela mergulhou em rios desconhecidos, mas descobriu os
mares do outro lado de lá.
O seu próprio mundo.

CARMEN M. S. F. PILOTTO

PATRONO: UBIRAJARA MALAGUETA LARA – CADEIRA 19

Eu robô apocalíptico

Oro terços infindáveis...
Pela dor do oprimido,
Daquele paria geopolítico

O relógio do Juízo Final
Cabalístico anuncia
89 segundos para a meia-noite
Da carnificina da espécie
Breve, muito breve

Será vírus fúngico?
Será catástrofe cósmica?
Será a terceira guerra?
Será ataque cibernético?

O assistente de conteúdo
Não reconhece dúvidas antropológicas
E a ciência não minimiza o cenário
Agora poluído e comprometido

A aniquilação é iminente
Nenhuma resposta em nuvens virtuais
Oro terços infindáveis...

Do código genético e constatações

*Apraz-me pensar que herdei também
os pigmentos e a emotividade de todos os povos...*

Nélida Piñon

Não quero viver de reminiscências, mas no momento de reclusão fica impossível não vivenciar o que somos e de quem viemos. Estudos recentes comprovam que temos a herança genética de quatro gerações, que pode ultrapassar o traço físico, mas se impregna na forma de se comportar.

Sempre tive a percepção de minhas especificidades: o lado criativo foi oferecido pela família materna, Nhoca, o avô, era um ser raro, criava obras de engenharia sem nunca ter estudado, em sua oralidade trazia toda uma magia de histórias e causos a encher de alegria o ambiente familiar. O bisavô, escultor de figuras sacras, chegou a criar asas como Ícaro, tentando voar da torre de uma pequena igreja na cidade de Tietê; foi impedido. Não são demais tantas ousadias? Da mãe, professora imaginativa, herdei a determinação e o amor pela ficção.

Agora, lendo Nélida Piñon, comprovei que todo o viés sentimental do paterno veio da Galícia, assim como o dela também, tão bem relatado no livro **Uma lágrima furtiva**, repleto de emoções e biografia gravadas como tatuagem em sua hispânica personalidade.

Amigos acham que rio pouco, acho natural porque meu perfil melancólico está arraigado em um condado de Ourense, exatamente em Ayuntamiento Padrenda. Cicatrizes da guerra, do frio intenso, da dificuldade encontrada em pequenas propriedades agrícolas e do desejo de explorar além mar outras opções de vida também nas características ancestrais.

Desde jovem as preferências têm sido pelo gosto das danças flamencas intensas, daquelas trazidas por Antonio Gades, suas castanholas e sapateados. Os tenores mais amados são Plácido Domingo e José Carreras, como explicar?

As cores vivazes de Picasso e Dali inebriam a todo o momento e as aventuras de Cervantes e seu Quixote também se instalaram sem pedir licença.

Se não são todos da Espanha, muitos têm suas raízes em suas

colonizações, dentre outros, lembrando alguns: Mercedes Sosa, Violeta Parra, Neruda, Garcia Marquez. E o que não dizer dos tan-gos arrebatadores dos artistas que passei a admirar tocando seus bandoneóns – Gardel e Piazzolla.

Como é bom ser plural e poder reavivar todo esse passado que surge vezes outras: olhando, ouvindo ou sentindo tudo que desperta algum resquício ali no fundo dos códigos genéticos. Essa é a nova vivência do isolamento, quando descobrimos o verdadeiro eu, que na realidade têm muito **de nós, vós e eles...**

Viagem Vespertina

O minueto expande o universo. Ondas vibratórias criam um momento atemporal. Bach sentado ao cravo pressiona teclas em marfim e ébano que sobrem pelos tubos até o esplendor do Senhor. Sento-me no banco de veludo carmim ao lado do gênio e absorvo cada nota em êxtase.

A música é a chave para acessar outros portais...



CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

PATRONO: BENEDITO EVANGELISTA DA COSTA – CADEIRA 20

Tempo

Na parede da sala, dezenas de relógios antigos, todos de corda, para serem ouvidos em seu tic-tac.

No silêncio da madrugada, paradoxal ensurdecido silencioso barulho das energias potenciais das molas se desenrolando e dos balancins travadores levando ao tic-tac.

De quando em quando dissonantes sons de cuco, sons imitadores do Big Ben londrino ecoam pela sala escura, lembrando os relógios construídos por Gepeto no desenho animado do Pinóquio.

E os pêndulos, no ritmo do vai e vem, no sempre se repete de um lado para o outro, percorrendo o mesmo período de tempo.

E o velho senhor que perdia o sono, sentado no escuro, no sofá da sala, percebendo o tempo passar e sua vida se escoar, já quase perto de terminar sua corda.

Enquanto os pêndulos oscilavam pra cá e pra lá, ele meditava sobre o ritmo de sua vida:

“O que fiz de minha vida, nessa longa e curta existência? Nasci, cresci tornei-me jovem, me casei, tive filhos, netos, bisnetos, reuni tantos ao meu redor, e agora, aqui, sozinho, vendo o tempo escoar pelos meus dedos, e não consegui segurá-lo. O que resta agora nesta ida do pêndulo?”

Foi quando se lembrou da frase do astrônomo francês Camille Flammarion...

– “Nascer,,,crescer...morrer...e renascer!”

Percebeu-se então montado no pêndulo que ia e logo voltaria. E quem dava a corda sempre nesse



relógio, era o Relojoeiro do Universo.

Abriu as mãos, que tentavam segurar o tempo, e este fluiu livre entre os dedos, levando o pêndulo onde montava para o lugar de onde havia partido.

CHRISTINA A. NEGRO SILVA

PATRONESSE: VIRGÍNIA PRATA GREGOLIN – CADEIRA 17

Na teia

Quantas vezes, nessa vida, parei para observar a Natureza? Bem poucas...preocupada com o “pão nosso de cada dia”, correndo de cá para lá contra o tempo, respondendo demandas do trabalho, estressada quase sempre, nem sabendo se é dia ou noite, chove ou faz sol...aff!

Hoje, porém, foi um dia especial, bem diferente. Tive que visitar um cliente potencial para uma venda importante, morador de um condomínio cheio de árvores e jardins floridos e lago com bancos ao redor e... opa! Eu estava observando coisas que há muito não reparava que existia e gostei. Senti-me leve, envolvida por aquele ambiente de paz.

Mais adiante, uma teia de aranha enorme rebrilhava ao sol da manhã, trama perfeita, milimetricamente tecida por um aracnídeo minúsculo. Ela (a dona aranha) à espera do seu alimento, quieta, aguardava a um canto do lindo bordado de fios transparentes.

Que coisa! Estava eu também quietinha no meu canto a me observar, quantas teias já teci em busca de alimento? “A gente não quer só comida... a gente quer comida, diversão e arte”, pensei no refrão da canção, e acrescentei – a gente também quer paz para ser feliz, pelo menos agora, olhando para mim, percebi o quanto me fez feliz a percepção da Natureza, do ambiente sereno, das belezas equilibradas, do silêncio, da teia de aranha.

A pequena artesã me ajudou a romper a malha onde me prendia por opção cotidiana de vencer na vida. Que vida? Nesse monólogo interior, percebi que tenho muito a oferecer de Vida para mim. Obrigada, dona Aranha.

Natureza, perfeição divina

Veio a chuva forte, soprou o vento e a árvore caiu.

Ficou o tronco repousando no chão

A orquídea não se abalou não...

E na Primavera, floriu

Assim é a Natureza, cheia de lições

Quando a tempestade da vida chega cheia de tristeza

Deveríamos aprender a superar as decepções

Tentar ver que na vida há beleza

Abrir a janela da alma e respirar com calma

SER flor, flor e SER

EDSON RONTANI JÚNIOR

PATRONESSE: MADALENA SALATTI DE ALMEIDA – CADEIRA 18

Saci teve um pé em Piracicaba

Saci teve um pé em Piracicaba. Aliás, teve seu único pé em Piracicaba. E não é ironia. Vamos usar uma história para descrever o porque disso. Há 100 anos atrás, as pessoas liam uma obra de Bram Stoker intitulada “Drácula” e, cada cabeça imaginava um jeito como deveria ser o Vlade Tapes, mais conhecido como o vampiro que se alimentava de sangue humano e vagava como um intrépido insone, fugindo do sol. Porém, foi Tod Browing em conjunto com Carl Laemmle Jr. que deu a imagem que conhecemos hoje, longe dos livros. Um sujeito de cara fechada, vestido de roupa negra e uma longa capa. Pronto ! Estava feito o estereótipo do vampiro noturno !

Pouco mais de 100 anos atrás, sem televisão, cinema e internet, a imaginação corria à solta. A conversação arrepiava as pessoas. Foi daí que se propagaram lendas urbanas e rurais, dentre elas o saci.

Coitado do nosso Pererê... Teve de caminhar a duras penas para que no imaginário popular tivesse a composição de uma pessoa de meia idade, segurando um cachimbo, vestido apenas de shorts e um gorro na cabeça. Sabia-se que ele era terrível para com todos, que dava assobios ensurdecedores, aparecia em redemoinhos os quais surgiam do nada ! Mas, como se elaborou esta aparência ?

Pois, bem. Monteiro Lobato, lá por volta de meados da década de 1910, utilizava as páginas do jornal “O Estado de São Paulo”, para fazer seus inquéritos. Foi aí que ele criou, em crônicas, seus pensamentos sobre o homem interiorano, depois reunidos no livro “Urupês”. Surge o Jeca Tatu, típico caipira, desleixado que vive no campo, pita um cigarro, e espera a vida acontecer. Foi neste Jeca que surgiu o nosso Jeca, o “Nhô Quim”, mascote do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba. Uma história puxa a outra.

Foi nestes inquéritos do Estadão que Lobato questionou o vanguardismo da Semana da Arte Moderna, hoje incontestemente re-

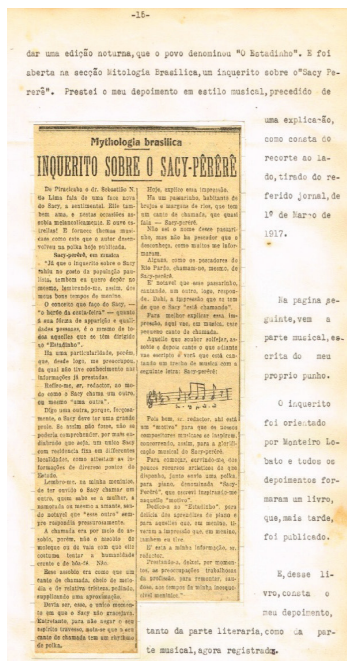
volução artística. Na época, ele considerava os trabalhos de Anita Mafalti como aberrações em forma de telas. O tempo foi cruel com Lobato, mostrando-lhe que os rabiscos de Anita criaram fama e alcançaram milhares de dólares quando postos a venda nos leilões.

“Inquerito sobre o sacy-pêrêrê” foi uma das suas articulações para que, em conjunto com os leitores pude criar a “cara” desta lenda contada em todo o Brasil. “Mythologia brasílica” era o nome da coluna. Aí é que Sacy coloca o pé – com perdão para a expressão – na cidade de Piracicaba. Em 1º de março de 1917, o Estadão publica carta de Sebastião Nogueira de Lima ajudando a compor esta face do negrinho que aprontava suas estripulias, seguindo tradições indígenas e africanas que povoaram por muitos séculos as tradições orais.

Nogueira – que foi vereador, delegado e interventor federal em São Paulo – lançava curiosidades interessantes sobre o Pererê, criando inclusive uma música (também publicada naquela edição) sobre como deveria ser o assobio do pernetá, lembrando o seu forte silvo.

Nogueira conta uma face admirada por Lobato: o saci sentimental. Aliás, não é o saci e sim vários sacis, todos com feições iguais, mas com sexos diferentes e idades também diferentes. Ele mesmo cita que, quando criança, ficou en-surdecido com o silvo de um saci chamando sua amada, num solfejo a la “rhtymo de polka”, conforme descrito naquela edição.

“Inquerito sobre o Sacy” virou um livro escrito por Monteiro Lobato. O depoimento de Sebastião Nogueira consta nele. Não dá para dizer, então, que Sacy Pererê não seja piracicabano. E viva nosso cidade!



ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

PATRONO: JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JUNIOR – CADEIRA 21

Sonhando

Estava cada vez mais preocupada sobre o tema dos meus sonhos. Sempre sonhando com meu marido, filhos, todos pequenos e também pessoas da família que já faleceram.

Interessante que os lugares eram diversos à medida que fui morando em outras casas.

Esses sonhos, na maioria agradáveis. Cada casa com suas peculiaridades, pois se tinha piscina estávamos em volta dela, se era na chácara lá estávamos perto dos animais, fazendo queijo, regando a horta. Os cenários vão mudando conforme o assunto.

Sei que o nosso espírito se solta quando dormimos e encontramos pessoas de outra dimensão, já nas suas casas definitivas que estão no além, como disse Jesus “na minha casa tem muitas moradas”. São encontros muito nítidos e vou para palácios, com riqueza de detalhes, com cômodos ricamente decorados até com papéis de parede onde vislumbro uma riqueza de detalhes nos ramos dos bordados, nos lustres, nos vestuários e tenho certeza que nunca foram vistos por mim.

Uma noite sonhava que estava num quarto de camas com colchas ramadas, quadros antigos, como se fossem do século passado. Comecei a ficar aflita porque estava no escuro e fui tateando uma mesinha lateral para acender uma vela, ou um candeeiro, mas bati no acendedor. Quando ele se iluminou percebi que estava do lado contrário da cama de casal onde costume dormir, e não na cama de solteiro do sonho e sim no meu atual.

Afinal, para onde nos levam nossos sonhos? Será que existe mesmo uma vida paralela?

Nossos sonhos cheios de detalhes como lugares, tecidos, bordados, casas, paisagens nunca vistas que aparecem nos nossos sonhos, assim como pessoas jamais conhecidas e em situações inéditas da nossa realidade cotidiana, como também interagindo com falecidos queridos.

Nossa alma se transporta para dimensões que desconheço,

mas deve ser na dimensão do astral onde ainda as emoções não se desprenderam do corpo humano, ainda estão no físico.

Por fim, sabemos que o caldeirão no qual são feitos nossos sonhos recebe como ingredientes lembranças das últimas semanas e informação do nosso subconsciente. Quando dormimos, nossa alma acorda. Não somos o nosso corpo em essência somos a consciência que o habita.

O metabolismo diminui quando dormimos, relaxamos a mente e com isso permitimos que nossa alma se desligue temporariamente e viaje pelos mais diferentes locais das outras dimensões que estão fora do físico, mas ainda ligada a vida pelo “cordão de prata.”

Às vezes noutro sonho continuamos no mesmo ambiente anterior, já sonhado.

Sonhei que fui para São Paulo dirigindo, coisa que não faço, e percorri lojas e mais lojas com uma amiga. Meses depois combinei, noutro sonho com ela mesma, de irmos novamente para comprar aquilo que deixamos de comprar da primeira vez. Essa amiga só existe nos meus sonhos e muitas vezes em épocas diferentes, não só ela, mas muitos que não conheço, mas que participam desses sonhos e falecidos da família estou sempre em contato através dos sonhos.

Isso deve acontecer com muitos de nós, mas ao acordarmos tudo se evapora num instante.

Até bebezinhos devem sonhar porque acordam chorando muitas vezes assustados, que imagem eles poderiam ter? Só se for do ambiente que esteve antes de nascer!

Será entre os anjos, Jesus, Nossa Senhora? Levam-nos a querer deduzir essa incógnita.

Essa alminha que brotou veio de que astral, de que dimensão para alegrar este mundo?

Será que nascemos com uma missão na vida, com um talento para desenvolver?

Rezar antes de dormir afasta toda negatividade, é como ligar um canal onde todo bom astral será ativado e todos os anjos o estarão protegendo para ter uma noite tranquila.

Pedidos para o ano novo

Queria ter podido dançar mais,
Cantar mais junto a um vilão,
Comer sem engordar,
Correr debaixo de pingos de chuva,
Sentir o cheiro da terra molhada,
Mergulhar meus pés na enxurrada!
Ter me sentido mais amada,
Não economizar meus sorrisos,
Ter chorado quanto quis, e...
Sem nenhuma vergonha!
Gostar de caminhar mais,
Não procurar rugas nos espelhos,
Chega de desculpas
E...sorrisos falsos.
Não quero agora, mas anseio
Encontrar aqueles que amei e...
Que partiram desta vida!
E que a saudade não doa tanto!

IVALDO VICENTE

PATRONO: LEO VAZ – CADEIRA 23

João Chiarini, ativista cultural, e
a Academia em Barra do Garças

Em setembro de 2027, dia 15, serão completados 40 anos de uma história que, a partir de Piracicaba, instalou-se a Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste (Alcartes), com sede na cidade de Barra do Garças, Estado do Mato Grosso. É uma paisagem que se forma a partir do encontro do rio das Garças com o lendário rio Araguaia, que, nascendo no Estado do Goiás, faz um percurso de mais de dois quilômetros, e encontra-se com o não menos lendário Tocantins.

Nos anos de 1.986 e 1.987, fiz algumas visitas à cidade de Barra do Garças, extenso município que reunia — hoje, já dividido com outros distritos — muitos quilômetros de área, incluindo Cocalinhos. E conheci o tabelião Valdon Varjão, então senador pelo Estado do Mato Grosso, com longa atividade política, e dedicado à história e às letras, e lhe fiz um resumo da Academia Piracicabana de Letras (APL), idealizada pelo escritor João Chiarini, de quem já teria ouvido falar por causa dos estudos folclóricos, ao lado de Luis da Câmara Cascudo e de Alceu Maynard de Araújo.

De repente, Varjão vem a Piracicaba — convidado a meu pedido por João Chiarini —, almoça no Restaurante Mirante, vê e sente as belezas da cidade, encanta-se, e vai para uma sessão da APL no Clube Coronel Barbosa, num sábado à tarde. Inflamado, autêntico, dedicado à cultura, João Chiarini empossa o então senador como membro da “sua” Academia, hoje diferente com as suas 40 cadeiras, à moda francesa. E, a partir daquele dia, Varjão entra no ritmo de formar uma entidade idêntica na sua Região, a do Centro-Oeste do Brasil. Tabelião, não teve dificuldades para as formalidades.

* * *

De salto, vejo-me em mais uma viagem para Barra do Garças, de tantas, mas desta vez acompanhado pelo sempre estimado João Chiarini. Foi, então, convidado para tomar posse em sua cadeira e instalar a Alcartes, o que fez com entusiasmo, com todas as pom-

pas, numa festa encantadora no Clube Balneário Peixinho, colocando todas as suas forças de raciocínio e voz para a solenidade. E fui empossado também na Cadeira 47, como uma deferência do Varjão. Nasceu, assim, com 60 cadeiras, a nova Academia, filha da APL, de João Chiarini, cuja lembrança me vem nesses já passados 55 anos da nossa entidade, com sessão solene no antigo prédio da Faculdade de Odontologia (FOP).

A viagem, apesar de aérea, era demorada porque tinha uma escala em Goiânia. Depois, a conexão para o aeroporto da cidade de Aragarças, Goiás — cuja pista ainda era de chão batido, num avião pequeno, de 14 lugares. Todos os voos, naquela área, passavam por turbulências, muitas vezes assustadoras. E naquele 14 de setembro não foi diferente.

João Chiarini e eu falávamos sem fim, sobre intelectuais da Região e especialmente sobre uma entidade que nascia a partir de Piracicaba. Felizes por isso e com isso, fomos levados nos 50 minutos entre o Aeroporto Santa Genoveva em Goiânia até a cidade nas margens direita do Araguaia; Barra do Garças fica do lado esquerdo. De repente, Chiarini aperta minha mão esquerda e declara, entusiasmado: “Deus existe”, o que nunca teria dito no seu folclórico ateísmo. A forte turbulência acabava de ser superada, a chuva também, e já aparecia a pista de chão batido.

* * *

Tranquilos, fomos, voltamos, deixando — por dedicação e ativismo cultural de João Chiarini — instalada a hoje Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste, a Alcartes (conferir o portal na internet), com sede própria, preparando-se para os 40 anos em 15 de setembro de 2027, num vigor admirável com seus membros e dedicada Diretoria, presidida por Antônio Divino Arbués Nery.

ELIETE DE FÁTIMA GUARNIERI

PATRONO: VIRGÍNIA PRATA GREGOLIN – CADEIRA 17

Versos do ego

Sou uma escritora do passado.
Escritora de memórias.
Talvez, por isso, não consiga escrever no momento.
É preciso viver antes.
E escrever depois.
Como escrever de um passado que ainda é presente?
Ou de um passado recente que não interessa a ninguém como memória?
Talvez seja o momento de recomeçar.
Ideias existem há tempo.
Faltava apenas inspiração,
estado de espírito que surge de improviso
e parte sem avisar.

Nesta noite cinzenta e chuvosa, sinto-me assim.
Com saudade do passado.
Esperançosa no futuro.
Perdida no presente – até o momento
em que este seja pretérito e possa ser recordado.
Escreverei meu primeiro livro?
Transformarei em contos as vivências e observações?
Não sei qual caminho me aguarda.
Somente espero que o talento adormecido desperte
e não seja apenas um acordar passageiro no meio da noite.

Apenas um rosto

Seu rosto aparece numa pequena fotografia. O queixo um pouco inclinado, os cabelos soltos, os olhos a me expectarem em alto relevo. Pequena fotografia num porta-retrato redondo cromado.

Olho para ela enquanto ouço Charles Aznavour – “Que c’est triste Venise”: canção triste e plácida como o olhar dela na fotografia. Sei que quase ninguém mais ouve Charles Aznavour, mas sempre há uma exceção. Talvez noventa e nove por cento da população nem ao menos conheça a canção referida. Não importa. Há coisas na vida que são únicas e belas, embora desconhecidas.

Assim é sua fotografia. Poderia abraçá-la se não fosse tão pequena. Poderia contemplá-la infinitamente se o tempo parasse neste momento.

Não vejo seu corpo. Apenas uma parte do ombro encostado no queixo. A imagem é tão viva que sinto sua real presença. Pequena lembrança do que ela foi um dia e que não me deixa esquecê-la. Veneza também seria triste para ela. Ruelas e gôndolas contrapondo-a à solidão. Ponte a provocar-lhe suspiros sem som.

Na fotografia ela me olha. O olhar a questionar o que o acaso nos trouxe. Na fotografia ela me diz que o amor ainda vivo pode se tornar mais triste que Veneza “au temps des amours mortes”.

ELISABETE JUREMA BORTOLIN

PATRONO: HELY DE CAMPOS MELGES – CADEIRA 7

Revisitando as obras sobre Elias “dos bonecos” Rocha

Reconstruo nesse espaço um pouco das homenagens a Elias Rocha, o Elias dos Bonecos, que encantou a Rua do Porto, a Casa do Povoador e outros espaços de nossa cidade com seus bonecos, em anos passados.

São analisados três dos livros que conheço sobre a obra do bonequeiro e artista plástico de nossa terra. O mais recente, “Elias dos bonecos, o protetor do rio sagrado”, lançado em 2024, do dr. Nordahl Neptune, premiado em 2025 com o prêmio “Pirarrazi”, na categoria literatura. O segundo, “Os bonecos do Elias, a participação desses elementos de folkmidia na publicidade e propaganda institucional de Piracicaba”, de Maurício Tadeu Bueloni, coleção “Piracicaba, história e memória,” volume II, lançado em 2001, pelo Centro de comunicação da Prefeitura. E o terceiro deles, da autoria da acadêmica Ivana Maria França de Negri, com ilustrações de Ana Laura de Negri Kantovitz e Ana Liz de Negri Kantovitz, lançado também em 2024.

Além deles, o criador dos bonecos encantados também se transformou em peça de teatro pelo grupo Tragatralha de Piracicaba, em exposições em centros culturais importantes como o do Banco do Brasil em São Paulo, na Casa do Povoador de Piracicaba e há igualmente uma filmografia interessante a partes das ações, em especial do dr. Nordahl Neptune, enquanto aluno da pós graduação em artes visuais na Unicamp. Artistas plásticos e fotógrafos de Piracicaba também tem registros em seus acervos desse importante personagem para a vida cultural de nossa cidade.

Os bonecos do Maurício

O primeiro livro sobre a obra do bonequeiro Elias foi lançado por Maurício Tadeu Bueloni, formado em publicidade pela UNIMEP, com mestrado na Universidade Metodista de São Paulo, que teve como orientador o prof. Dr. Joseph M. Luyten, então profes-

sor daquela instituição, onde Bueloni defendeu sua dissertação de mestrado. O orientador era também, na ocasião, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte, que prefaciou a obra, sob o título “Os bonecos do Maurício”, que tomo a liberdade de transcrever.

“Desta vez, o jovem intelectual piracicabano Maurício Tadeu Bueloni acertou em cheio. Não haveria nada melhor para tema de uma dissertação de mestrado para um publicitário recém-formado do que algo que dissesse respeito a sua terra natal. Foi em 1999, quando retornava ao Brasil após uma longa ausência de 15 anos pelo Oriente e Europa, que conheci o Mauricio Bueloni. Ele tornou-se meu orientando na UMESP. Após algumas hesitações iniciais, ele resolveu dedicar-se à produção de um dos maiores artistas populares, não somente de Piracicaba, mas de todo o Brasil, chamado Elias Rocha, ou popularmente, Elias dos bonecos.

A área que eu orientava chamava-se “Folkmídia”, ou seja, a repercussão do folclore através dos nossos meios de comunicação e foi sob esse ângulo que Bueloni tomou a sai o estudo da arte popular e suas repercussões na publicidade e na propaganda institucional de Piracicaba, que representaram naquele período ambiente popular e folclórico de Piracicaba. Já não se pode mais imaginar as margens do rio, especialmente na área da rua do Porto, sem os famosos bonecos.

E dessa forma, os Bonecos do Elias passaram a ser os Bonecos do Maurício e, agora, os bonecos de todos aqueles que gostam de Piracicaba. E eles continuarão nas ribanceiras do rio, nos locais públicos e em museus, sempre a sombra da Festa do Divino, sob o eco dos desafios do cururu e, especialmente em nossos corações.”

Bueloni fez vários estudos na época da dissertação e depois, na edição final para o livro, de repercussões que os bonecos tiveram na vida comercial e institucional da cidade, com campanhas publicitárias e de marketing feitas pela Prefeitura e por empresas locais, que divulgaram os bonecos como o novo apelo folclórico e cultural para divulgarem as atividades culturais e turísticas em favor de Piracicaba.”

Na época, além de matérias recorrentes em telejornais da cidade e região, os bonecos apareceram em anúncios de uma em-

presa de ônibus da cidade, em revistas das empresas de carros General Motors do Brasil, Mercedes Benz e Chrysler, na revista local Tempo, no Shopping center e em outros estabelecimentos comerciais da Rua Governador, principal via do comércio da cidade, como relata o autor no seu livro.



Elias para crianças

Depois desse livro pioneiro, veio outro, em 2024, escrito por Ivana Maria França de Negri e ilustrado por suas netas Ana Laura e Ana Liz Negri Kantovitz, que teve o apoio do Colégio Objetivo da cidade, para sua confecção e edição, sendo o local o primeiro a receber o lançamento formal do novo livro. Na apresentação Diretores do Colégio, unidade de Piracicaba assim se manifestaram sobre a obra da acadêmica.

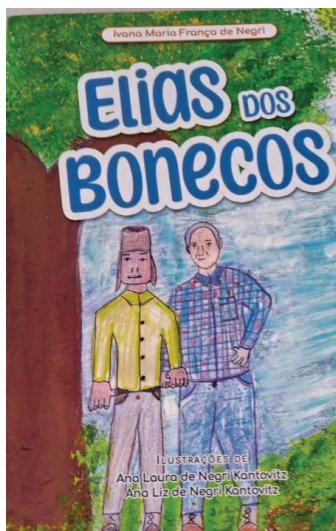
“A contribuição da escritora Ivana Negri para a literatura e cultura piracicabana é inestimável. As lendas fazem parte da memória e constituem a identidade cultural de uma sociedade.

Ivana ao escrever livros da coleção “Lendas Piracicabanas”, que teve anteriormente os livros sobre o “Lendário Capitão Nhô Lica”; A Lenda da Inhala Seca, a Lenda da Noiva da Colina, a Lenda da Cobrona na Catedral e a lenda do “Túmulo do Padre Galvão”. preserva a história de nosso povo e faz com que as pessoas conheçam através de seus livros parte da cultura piracicabana permitindo também que essas lendas, misto de história e fantasia passem de geração para geração e não se percam ao longo do tempo, mesmo que possam ser modificadas através da imaginação do povo.

A saga dos bonecos do Elias é o sexto livro de uma coleção que traz para o leitor a uma história muito interessante desse personagem tão enigmático. Que piracicabano ou turista que visitou a Rua do Porto e nunca viu ou ouviu falar dos bonecos gigantes que, algum tempo atrás, se encontravam à beira do Rio Piracicaba?

Viajem nessa história e conheçam um pouco mais de Piracicaba e dessa figura tão importante que foi Elias dos bonecos. Boa leitura!”

Finalizando os agradecimentos que autora faz no seu livro, um especial gostaria de destacar “agradeço à dona Adair Moreno Rocha, a Daia, como é conhecida, viúva do Elias, que me recebeu em sua casa com um cafezinho delicioso, feito em coador de pano e me passou preciosas informações, com as quais escrevi esta historinha”.



Elias dos Bonecos, O Protetor do rio sagrado.

Elias Rocha nasceu em 3 de agosto de 1931, se estivesse vivo no dia 3 de agosto, completaria 95 anos. Mas a data não passou em branco. Um livro em sua homenagem, escrito pelo dr. Nordahl Christian Neptune, foi lançado na Casa do Povoador, também como forma de homenageá-lo.

Elias nasceu na Chácara Morato, nas proximidades das barrancas do Rio Piracicaba, sempre presente e inspirador de sua obra. Formado na Escola Senai, foi trabalhar em empresas metalúrgicas, sem deixar de outro hábito incomum, construir barcos. Foram mais de 3.000 em sua vida. Foi demitido da empresa metalúrgica por participar de uma greve. Depois disso, passou a ser carroceiro e coletor de materiais inservíveis que encontrava pelas ruas da cidade como papelão, latas, garrafas, que vendia em locais apropriados até seus últimos dias.

Mais do que contar as origens do projeto dos bonecos que povoaram a rua do Porto e o imaginário popular, o livro contará as origens do projeto, feitos com latas, restos de madeiras, roupas velhas e enchimentos de palha ou capim seco. A primeira ação ocorreu num dos bares famosos da época, o Bar do Araken Martins e

noutro, mais adiante, do Mané, frequentado pela elite cultural e boêmia da cidade naqueles dias.

Os bonecos surgiram quando Elias, convidado para fazer um “Judas” na Semana Santa, foi escoraçado por uma vizinha, cujo filho tinha se assustado com a feiura dos mesmos. Mas Elias, paciente e sereno, teve nos amigos dos bares dos amigos, a força necessária para ouvir que aquilo era lindo e poderia transformar a imagem do nosso rio. E sacudir a imaginação da cidade. E passou a produzir com intensidade e a distribuir seus bonecos pela orla do rio,” do lado de lá da Casa do Povoador, nos barrancos do Engenho Central

Mas ele não contava que seus bonecos, antes “feios” se transformassem em objeto de desejo de muita gente. Em especial dos agricolões, que na calada das noites, retiravam seus pescadores da margem do rio e os levavam escondidos para as repúblicas onde moravam, e os faziam de verdadeiros troféus.

Os bonecos eram reinventados nas datas típicas da cidade, como a Festa do Divino (da qual Elias foi festeiro com sua nora), a páscoa, o natal, as folias de reis, o carnaval, entre outras. E vez ou outra apareciam envergando a camiseta histórica do nosso Quinzão.

Sobre o livro

Neptune nos propõe, na abertura do novo livro, um conceito de Michel de Certeau, no em “A invenção do cotidiano, artes do fazer”, no qual o autor propõe “ (...) ao homem ordinário, herói comum, personagem disseminada, caminhante inumerável, que mesmo não sendo ninguém neste teatro humanista, ainda ri... E nisto ele é sábio e louco ao mesmo tempo, lúcido e ridículo, no destino que se impõe a todos e reduz a nada a isenção que cada um almeja...Esse herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Socialização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo”.

E nos esclarece que “o propósito desta dissertação de mestrado, que alia, ao mesmo tempo, o estudo de uma expressão excepcional da cultura popular brasileira e os modos comunicacionais

de procurar evocá-la na sua polivalência constitutiva, é estudar a trajetória de vida de Elias Rocha, então com 71 anos, mais conhecido como “Elias dos Bonecos”, cuja arte singular é confeccionar bonecos, em tamanho natural, feitos a partir de sucata e de roupas doadas por parte da população, e inseri-los nas margens do rio que deu nome e origem à cidade de Piracicaba, SP.

Buscamos também entender a influência do cotidiano no desenvolvimento de sua arte, bem como destacar as várias etapas que envolvem sua produção artística, a função e destino de seus bonecos, as múltiplas visões contemplativas, interpretativas e representativas dessa arte popular, sob o ponto de vista ecológico, lúdico e imaginário, no contexto sociocultural da contemporaneidade.

Sua pesquisa parte de um tema caro a todos nós, “Um Rio, uma Cidade e um Artista”, depois envereda pelas origens e discussão sobre outro tema marcante para todos nós, a música: Rio de Lágrimas; discorre sobre nossa mais famosa e antiga festa, a do divino, apresenta com todas as cores e alegrias, nossa rua do Porto. Há na sequência um poema e uma música composta pelo autor e pelo músico Marinho Castelar.

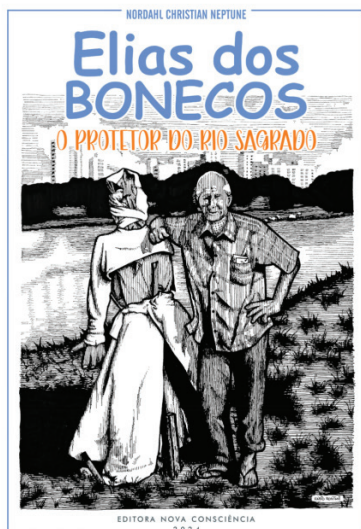
Depois disso, no capítulo intitulado A Arte de Elias dos Bonecos, discorre sobre as origens de um projeto que, nasceu como uma brincadeira, falando do seu processo criativo, procedimento, componentes técnicos de fabricação. E prossegue discutindo as ações da filosofia de um homem simples, em suas dimensões ecológica, lúdica e imaginária.

No capítulo sobre a A Arte de Elias dos Bonecos, analisa a gênese dos bonecos, as técnicas através das quais são construídos o processo criativo do artista e o destino plural dado aos bonecos. Reconhecer o trabalho do artista, os motivos que o levam a exercer sua arte e como ela é percebida, pode ser a chave para entender porque, afinal, os bonecos tornaram-se elementos lúdicos importantes de uma cultura, símbolo de luta e resistência para uma sociedade que se organiza em prol da preservação e despoluição do seu maior patrimônio: o rio

Mais adiante discute que “foi diante dessa conjuntura que Elias dos Bonecos buscou, através da arte, demonstrar toda sua preocupação com o rio e o meio ambiente e, ao mesmo tempo criar

com seus bonecos uma atmosfera paisagística mais alegre, convidativa e nostálgica, lembrando o tempo em que os pescadores e suas famílias tiravam o sustento das águas límpidas e cristalinas do rio. Depois discute O Processo Criativo, Procedimentos, e os Componentes e Técnicas de Fabricação -, a partir do trabalho de campo de pesquisa, realizado através do acompanhamento do cotidiano de vida do artista, de registros orais, textuais, bibliográficos e audiovisuais, como a fotografia e o vídeo, foram analisadas, em detalhes, as diversas fases que compõem o saber artístico popular e a etnologia do objeto-boneco.

Quem se dispuser a dar uma passadinha na Casa do Povoador, vai encontrar um resto de memória do velho bonequeiro, numa sala especial que existe por lá para homenageá-lo. Ele faleceu, depois de longa doença, em 1º de abril de 2008, conhecido como o “Dia da Mentira”, mas sua memória continua presente em nossa cidade.



A capa do livro, de autoria de Nordahl Neptune e desenho em nanquim de Fábio Rontani.

Bibliografia

BUELONI, Maurício Tadeu. Os bonecos do Elias, a participação desses elementos de folkmidia na publicidade e propaganda institucional de Piracicaba. Coleção Piracicaba, História e Memória, volume II, Centro de Comunicação, prefeitura de Piracicaba, 134 páginas, 2001 (sem identificação da editora);

NEGRI, Ivana Maria França de. Elias dos Bonecos, 20 páginas, 2024, Editora rio-pedrense, Rio das Pedras;

NEPTUNE, Nordahl Christian. Elias dos Bonecos, o protetor do rio sagrado. 80 páginas, 2024, Editora Nova Consciência, Capivari.

IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

PATRONO: FERNANDO FERRAZ DE ARRUDA – CADEIRA 33

Silêncio...

No princípio era o silêncio.

E a palavra o invadiu. E as coisas foram sendo criadas.

O silêncio está no início de tudo, é infinito e consegue penetrar as frestas, até chegar ao interior das almas.

Nele habitam as palavras abortadas, as cores e aromas, todos os segredos do universo. E é onde moram e brotam os sentimentos.

Anjos e santos mergulham no silêncio para recolher as preces e atendê-las.

Tudo dorme no silêncio, mas, ao mesmo tempo, tudo fervilha dentro dele.

O silêncio serve de asilo às palavras pensadas. Em seu âmago não entram batuques, badalar de sinos, buzinas, rojões, uivos, canhões de guerra, estampidos de armas de fogo, nem o tic-tac dos relógios. Não se pode ouvir nem mesmo o som de uma folha seca de outono caindo na relva ou o leve sibilar das brisas.

Mas vive no silêncio uma profusão de cores, uma explosão de vida! Uma vida rica, farta e profunda. O planeta todo é um organismo vivo em constante mutação.

Tudo nasce, cresce, se move e morre, na cadência inaudível do universo: “Ommm...”

Tudo clama por silêncio, por sua harmoniosa sinfonia que cura todos os males e aproxima do Criador.

A maioria dos seres humanos prefere viver no mundo ensurdecido que estilhaça o silêncio e fecha seus abençoados portais. São arrastados para um mesmo calabouço, em zonais abissais, que entorpecem os sentidos e aprisionam a alma.

Habitam o silêncio: o amor, a dor, mesmo a ira e a raiva podem ser encontrados nele. No interior das bibliotecas, todos os livros se encontram no silêncio. Vez ou outra afloram, numa enxurrada de palavras, quando são lidos.

O ruído agride e fere. O silêncio afaga e aquece.

A maior expressão do amor é o silêncio, pois muitas vezes, pa-

lavras são inúteis e não traduzem o que transborda no coração.

O silêncio fala, e chega a gritar mais alto do que o discurso mais eloquente. A verdade é revelada no silêncio.

Silêncio é pausa para reflexão, refúgio dos grandes mestres, necessário para a meditação, mediador para o transe profundo que liga as almas ao universo.

Silêncio é sossego, é calma, é descanso, e antecede o ato de se recolher.

Silêncio é proteção, é mistério, barreira intransponível.

Silêncio é terapêutico e cura diversos males.

O silêncio é liberdade, é virtude, é sabedoria, prudência, energia. É a oração dos sábios, música para a alma.

Só ouvindo e compreendendo a voz do silêncio, encontramos a verdadeira Paz.

Poema da Madrugada

Livre dos véus
flutuo nos céus
Ganho asas voláteis
e unhas retráteis
Fico meio bicho, meio gente
às vezes lúcida, outras demente
Sou bruxa, sou fada
anjo ou endemoninhada
Andarilha
sigo a trilha
de poetas
e de profetas
Viro lua, sou poeira
desato laços, abro a porteira
Até que se rompa a aurora
e os sonhos vão-se embora...



LEDA COLETTI

PATRONESSE: OLIVIA BIANCO – CADEIRA 36

Os dons do espírito santo

Em Pentecostes, o **Espírito Santo**
nos mostra o sentido dessa vida,
quando o dom recebido é acalanto
para a existência mais enobrecida.

O **Santo Temor**, nos faz ver o quanto
as pessoas são frágeis nessa lida,
mas, pelo **Entendimento** sacrossanto
fazem dela empreitada agradecida.

Pela **Ciência** buscam sempre o certo,
com **Fortaleza** ganham mais vigor
para testemunhar amor fraterno,
ter **Piedade** do irmão na sua dor.

Sempre **Conselho** e ajuda oferecem,
procuram imitar Cristo Senhor.
Pela **Sabedoria** se enriquecem
nos valores cristãos, plenos de Amor.

Fendas

Fendas, mesmo diferentes
têm efeitos evidentes.
Se surgem na natureza
ameaçam o ecossistema,
provocando as erosões,
derrubando todo esquema
que planejava beleza
para os mais lindos rincões.



Fendas expõem cortes finos
copiados de figurinos
nos desfiles femininos,
estimulam o olhar atento,
também a imaginação
do malicioso sedento,
por prazer e excitação.

Fendas em uma nação
trazem dor, decepção,
quando atingem, golpeiam
a identidade e a razão,
tornando o mundo cruel,
onde é importante o poder,
e o mais fraco fica réu
da injustiça e opressão.

As fendas na nossa lida,
dificultam reações,
mas despertam reflexões.
Se as mentes forem abertas
sugerem soluções certas,
que acabam a escuridão,
dando novo rumo à vida.

Crônica do livro de Jorge Amado,
O gato malhado e a andorinha azul

Jorge Amado foi um dos escritores que me empolgou na adolescência. A mesma emoção aconteceu, ao reler “O gato malhado e a andorinha azul” na época atual.

Essa história foi escrita pelo autor em 1948, quando ele, jovem pai, morando em Paris, quis redigi-la para presentear seu filho de apenas um ano de idade. Escolheu personagens originais e diferentes – o gato malhado que era feio e a andorinha “sinhá”, a mais bela passarinha do parque.

Faz de conta que a Manhã está contando para o Tempo o

desenrolar daquele amor-amizade “impossível”. Quase toda a bi-charada do parque recriminava essa amizade colorida vivida pelos personagens dessa história, onde ambos experimentavam pequenas alegrias nos passeios pelo bosque, nos diálogos carinhosos, nas pétalas de rosas jogadas pela sinhá passarinha para afagar os bigodes do bichano. Este, como retribuição fez até plágio de um soneto o qual foi muito criticado pelo sapo cururu, membro da Academia e professor universitário dos bichos da floresta..

Como na maioria das histórias românticas há sempre um mas, também nesta ocorreu: o gato malhado perdeu seu amor porque gato não pode ter amizade por uma andorinha. E pensar que ele estava tão apaixonado! Chegou a confessar a alguns curiosos que “se não fosse gato queria casar com a andorinha Sinhá”.

O seu miado e ronronar dengosos silenciaram, quando Andorinha e o rouxinol para quem fora prometida, se casaram. No dia do casamento Gato Malhado partiu daquele parque para um mundo desconhecido. Levava só as lembranças e a pétala de rosa que Andorinha Sinhá havia lhe presenteado.. Esta, vendo-o partir adivinhou que seus caminhos não mais se encontrariam. Então, demonstrando muita tristeza voou em sua direção, deixando uma lágrima de luz cair na pétala de rosa.

E este gesto carinhoso tornou-se a estrela que iluminou para sempre seu caminho solitário.

Esta história escrita para uma criança pode não ter tido um final que a maioria dos leitores desejasse. Para alguns contudo, levando para o lado da amizade reforçou o sentimento da pureza desse sentimento..

Frequentemente recebemos de internautas mensagens de amizades sinceras entre os mais diversos animais, as quais aplaudo e peço bis.

Relendo o livro citado, lembrei-me que anos atrás escrevi um soneto sobre sentimento tão bonito e como o autor, os personagens principais eram o nosso gato (o Corisco) e uma rolinha que fez o ninho no terraço de nossa casa na fazenda.. Espero que o sapo cururu não pense ser plágio.

LÍDIA SENDIN

PATRONO: FORTUNATO LOSSO NETTTO – CADEIRA 8

Sol

O Sol nasce para todos.
Sai suave e solitário
Sem sequer fazer um som,
Cumpre seu dever diário,
Vive para esse Dom.
Rompe rápido
A rósea nuvem,
Navegando em calmo céu,
Os seus raios não me ouvem,
O meu grito fica ao léu.
Brilha branco de esplendor,
Nas manhãs da minha vida
Não me alcança o seu calor.
Me exponho e ele teima
Em provar a minha calma.
Por que o sol que a tudo queima
Não aquece a minha alma?
Ele manda energia
Até pra flores de um jardim.
Ele nasce todo dia...
Mas nem sempre para mim.

Olhos que falam

Quieta no canto da sala vazia,
Franzina moça não era ninguém.
O outro passava, mas ela não via,
Seus olhos vagavam dali, muito além.

Quem passa não nota figura cinzenta,
Uma sombra esguia querendo partir.
Cada hora vivida a dor só aumenta
No peito que chora, sem ela sentir.

As lágrimas claras no canto do olhar,
Os olhos tristonhos que lutam pra ver,
Diziam a todos, sem mesmo falar,
O que a alma calava por tanto sofrer.

Outono

Flores flácidas flutuam,
Calmas, caem nas calçadas.
Maltratadas, maceradas, morrem.
Varridas, voam e vagam.
Sumindo sempre silenciosas.

Crepúsculo... Antes que a noite chegue

Nos tons de laranja claro,
Há nesgas de furta-cor.
Penumbra que envolve e chora,
Beleza que causa dor.

São aves alçando voo,
São flores fechando pétalas,
É bicho fugindo tímido.
Penumbra abrindo alas.

São nuvens que cobrem luz,
São sombras de um além,
É sol que some vermelho.
Pós-poente a noite vem.

São trevas que engolem tudo,
São tempos de negação.
É o avesso da claridade,
É terra da escuridão.

Certeza que angustia,
Momento absoluto.
É noite que nega o dia,
Finito no infinito.....

MARCELO PEREIRA DA SILVA

PATRONO: DELFIM FERREIRA DA ROCHA NETO – CADEIRA 28

Aquele velho rádio

Quando criança, tenho a lembrança viva de sempre ser despertado com canções que meus pais colocavam naquele velho rádio, tão logo os ponteiros marcavam às 05h30 da manhã. Aquelas canções de amor, sertanejas, com histórias regionais iam ganhando volume em meus ouvidos até que, buscando a elucidação das coisas, eu despertava, prestando atenção nas letras. Foi ali que eu ouvi a história de um homem que, embora passando fome, não deixava que sua mulher e filho ficassem sem o franguinho na panela; ou do retorno daquele canarinho até a alvorada de seu sertão; ainda do efeito dos amores de dois olhos que se olham no mesmo olhar, entre tantos outros. Eu ia transformando aqueles sons em uma parte integrante de minha rotina matinal, deixando aqueles instrumentos e vozes ganharem espaço em minhas ações, sentindo coisas que não sabia, naquele momento, explicar, dado meu limitado vocabulário e ampla imaturidade. Via meu pai arrumando suas coisas e, quando eu estava mais preguiçoso, inclinando-se para beijar minha testa, despedindo-se de minha mãe e, decidido, indo em direção à porta da sala. Minha mãe me deixava dormir até quando fosse possível à pontualidade do motorista do ônibus, me fazendo a gentileza e delicadeza de esquentar um leite com achocolatado. Eu colocava meus itens na mochila, tomava o leite, comia as bolachas e ela, antes de sairmos, desligava o rádio, cuja estação, naquela altura já mudara sua programação para outros estilos musicais. E, assim, começava a vida.

Na verdade, na altura dessa escrita, até me recordo de momentos em que, ainda dormindo, vivenciava uma espécie de fusão de meus sonhos com aqueles sons circundantes, minutos antes de acordar. Meus pensamentos, naquela altura, se esforçavam para incorporar aquelas músicas em narrativas apropriadas, obtendo êxito, às vezes. Um sonho, em particular, ainda permanece nítido, em que eu corria em uma rua, atrás de algo, espalmando minha mão, como em uma necessidade de parar algo. De fundo, uma

música country melancólica que, dia sim, dia não, tocava naquele rádio. Acordei naquela manhã nos acordes finais, rindo de ter experienciado esse crepúsculo de sonho e realidade. E não comentei com ninguém. Até agora.

Será que aquela corrida do sonho era uma tentativa subconsciente de parar, como pudesse, um tempo que passaria rápido demais? Será que era uma maneira de me lembrar, no futuro, o quanto aquele tempo e aquelas manhãs melódicas foram tesouros escondidos nas gargantas cansadas daquele velho rádio preto?

Esse mesmo velho rádio, sucata consumida em algum lugar desconhecido, há muitos anos não canta mais. Aquele locutor que nos lembrava das horas, há tempos nos deixou, deixando saudades. Já não moro mais naquela casa e, hoje, para acordar, utilizo um alarme calmo, utilitário, que é tocado apenas com o objetivo de ser desligado, de dez em dez minutos.

E eu? Eu, por vezes, continuo correndo, já não mais com a mão espalmada, mas com os braços escancarados, para não perder um segundo sequer desse precioso agora.

Aprendi com a saudade.

MARIA MADALENA TRICANICO DE CARVALHO SILVEIRA

PATRONESSE: BRANCA MOTTA DE TOLEDO SACHS – CADEIRA 14

Ah... As amigas...

As amigas que nos dizem palavras sinceras,

Nos trazem para a realidade.

Algumas são bipolares,

Ajudam e atrapalham.

Assim mesmo as chamo de Amigas.

Quer conhecê-las?

A MANHÃ, também a chamo de Aurora, conversa comigo, ajuda-me agradecer o novo dia, a fazer muitos planos. E quando estou no melhor entusiasmo, ela vai embora e muitas vezes sem se despedir.

A TARDE é a minha amiga que sempre tenta consertar os sonhos mal-acabados. Difícil conversar com ela... e tudo mais ou menos...melhor deixar como está...não sei se ela me cansa ou se falo outra língua...

A NOITE é aquela que chega bem de mansinho para me lembrar dos convites para bailes, missas, reuniões, jantares, visitas de amigos e parentes, eram tantos...agora finjo que existem e me desculpo...

A “outra amiga” é a MADRUGADA. Chega às duas, três ou quatro horas. Sistemática, complicada, não diz nada, acorda-me só para eu ver que está acompanhada da Amiga SAUDADE...

MARIA DE LOURDES PIEDADE SODERO MARTINS

PATRONO: NELSON CAMPONÊS DO BRASIL – CADEIRA 26

À saudosa Mestra Orlandina Sodero Pousa

Eu a conheci pessoalmente, há sete décadas e meia, quando iniciei o curso primário aos sete anos de idade. Já ouvira referências à grande professora através da minha zelosa mãe, que também lecionava no mesmo conhecido educandário: Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

Além de ser aluna de dona Orlandina, da qual recebi eficaz e cativante alfabetização, tive o privilégio de participar do bem sucedido e elogiado orfeão regido pela mesma com o auxílio da sua filha, a doce e musical Cecília, jovem professoranda. Lembro-me dos ensaios semanais quando, mãe e filha, em perfeita harmonia, treinavam as diferentes vozes infantis que compunham aquele afinadíssimo coral, uma das gratas realizações da dedicada Professora.

Tempo maravilhoso de farta e valorosa sementeira escolar e afetiva. Naquela época as classes não eram mistas. Nós, as alunas de dona Orlandina éramos felizes e seguras. Com ela aprendemos a ler, escrever e, mais que isso, fomos preparadas para a leitura do mundo. Convencia-nos sempre de que, com esforço e dedicação tudo seria mais fácil. Praticávamos leituras diárias e encenávamos na própria classe as historinhas que líamos.

A referida mestra era diferenciada. Cativava suas alunas de várias maneiras. Ensinava-nos também a bordar; preparava toalhinhas com motivos infantis e aos sábados, (na década dos anos cinquenta as escolas ofereciam aulas, também aos sábados) finalizávamos o dia com a maior alegria ao praticar a arte do bordado.

O entrosamento entre a professora e suas alunas era perfeito e promissor. A produtividade superava as expectativas a cada ano, resultado do seu dom na arte de ensinar, competência e dedicação ao magistério. Seu desvelo e interesse por todas as crianças comprovava sua verdadeira vocação. Conseguia ser educadora e mãe, amiga e conselheira. Sabia ouvi-las, permitindo a liberdade de expressão. E isso, nos anos cinquenta! Às alunas menos favorecidas dedicava-se mais e mais e, tal atitude ia além do plano acadêmico.

Quantas vezes, na hora do recreio, umas coleguinhas vinham mostrar seus lanches recebidos da professora e, com brilho nos olhos contavam que dona Orlandina lhes presenteava com roupas que ela mesma costurava. Também lhes oferecia o material escolar necessário.

A discrição da referida mestra impedia que percebêssemos suas constantes atitudes cristãs. Agora eu entendo. Educar para ela significava preparar as crianças para a vida, elevar-lhes o espírito, aquecer -lhes o coração. Por isso sua preocupação, quando necessário, consistia em agasalhar também, o corpo de quem estava sob seus cuidados.

Quanto a mim, posso afirmar que sempre tivemos grande afinidade. Além do contato diário na escola, lembro-me das visitas que lhe fazia nas tardes de domingo. Tinha prazer em presentear-lhe com os tão comuns e apreciados presentes da época, vindos da fazenda do meu pai. Levava-lhe frango caipira, às vezes, galinha para uma boa canja. Em outras ocasiões, chegava à sua casa com abacaxi pérola nas mãos, alternando em tempo oportuno por uvas brancas e rosadas, cujos cachos eram colhidos da frutuosa parreira, no próprio quintal da minha casa.

Em todas as visitas à minha mestra/ amiga, eu me deliciava com os gostosos arroz doce ou sagu de vinho que ela carinhosamente me oferecia. Era um relacionamento sem interesse ou pretensão. Evidenciava-se apenas um profundo bem querer; nossa amizade era de respeito e por gratidão. Eu a tinha como exemplo e desejava espelhar-me nela como pessoa, mestra, mãe e amiga, sempre espontânea e feliz.

Dezoito anos se passaram. Mais uma vez fui agraciada pela sorte. Com imensa alegria e muito orgulho tornei-me sua sobrinha e nossa amizade bonita fortaleceu-se ainda mais. Após meu casamento com seu sobrinho, nos víamos com mais frequência. Após três anos, meu esposo foi realizar seu doutorado fora do país e aí tivemos a chance de recebê-la. Tia Orlandina foi nos visitar e permaneceu conosco por seis meses em Davis, Califórnia. Fazia-me companhia enquanto meu esposo passava o tempo todo na Universidade. Ajudava-me a cuidar das nossas meninas e embelezava-as com belos vestidinhos de crochê tecidos por suas mãos de fada.

Era invejável seu dom pelas artes manuais, era perfeito tudo o que fazia. Seu entretenimento era produzir para presentear. Alegrava-se ao oferecer seus mimos confeccionados com esmero e prazer. Culta, musical e inteligente, sabia fazer uso desses dons também em prol daqueles que estavam ao seu redor.

Enquanto esteve conosco, numa atitude espontânea e segura, estudou, fez os exames e conseguiu a carta de motorista, aos sessenta e poucos anos. Depois se associou ao clube da terceira idade e aprimorou seu Inglês que já era bom. Através dos seus artesanatos, em encontros vespertinos, levou amor em forma de arte ao ensinar e oferecer uma feliz experiência às suas amigas americanas. Expôs uma brasilidade digna e verdadeira e cativou a todos por sua natural e espontânea dignidade.

Sua fé incondicional, inabalável permitia-lhe viver seguramente, cheia de esperança; sua convincente espiritualidade, verdadeira lição de vida! Alicerçada na promessa de Cristo, sentia-se amparada para louvar o sofrimento e nos transmitir grande exemplo!

O elo que nos uniu há setenta e cinco anos, fortalecido a cada momento em que estivemos partilhando alegrias, tristezas e tantos sentimentos, foi uma das felizes concessões que a vida me permitiu. Sou grata a Deus, à vida por tal presente dos céus.

MARISA AMÁBILE FILLETI BUELONI

PATRONO: THALES CASTANHO DE ANDRADE – CADEIRA 32

Na vertigem da vida

Se o céu desabar, não haverá como sair de baixo. Feliz de quem construiu seu próprio refúgio dentro do coração. É coisa espiritual, que não se compra com dinheiro do mundo. Não é coisa física, tipo uma construção segura. É a nova arca da salvação.

Ele lembra que dançamos três músicas seguidas. Eu me lembro que gostava de dançar, de valsar, de viver muitas vidas. Aos 15 anos, pode ser diferente?

Os homens gostam de fazer a corte às mulheres. Clarice eternizou a abordagem masculina num texto onde ela conta do homem da fronteira, que a convidou para um “passeio”. Hummm... A escritora, como sempre, espertíssima. Clarice romantizou o evento numa crônica soberba e respondeu: “Eu, hein?”.

Ofereço-te meu ombro, meu assombro e minha amizade. Fica por conta dos velhos tempos e da saudade.

Ainda estou nocauteada de sonho. Mas também indignada. As coisas dão uma volta muito longa para chegar onde desejam. Dona Vida é cheia de nove horas, reparou? Ela se adianta, se atrasa, chega no meio da festa e, às vezes, sai de fininho. Ninguém pode abrir a boca. Resta um caixão tristíssimo, flores de um perfume ruim, uma cova na terra, a conta maior que tiveste em vida.

Durante a confissão, num momento inspirado, em que os santos nos altares pararam para ouvi-lo, o frei disse: “Minha filha, Deus conhece o barro de que fomos feitos”.

As coisas da Terra são sempre muito sombrias. Devem ser mais belas e mais alegres as do Céu. Buscai as coisas do Alto. É para as alturas que dirijo meu olhar solene, à espera de solenidades.

Na vertigem da vida, quero a voragem do que não acontece. Do sonho não realizado. Da sorte que nunca tivemos. Do concurso que não ganhamos. Do encontro jamais tido. Do beijo não dado. Dá para entender? Melhor o mistério eterno, que a revelação absoluta, escandalosa e cruel. Essas deixam marcas e a gente tem um medo colossal delas. Ou não?

Em algumas tardes, desperta-me o senso das andorinhas. Alisa-me a rosa dos ventos. Acordo do sono dos séculos. Abraça-me a força de que todos precisamos para ir em frente.

Dou um comando cerebral e o corpo obedece. Ele responde as minhas ordens. Não preciso mais que isso. Ordenar que tudo funcione conforme o Criador nos fez. Engrenagem perfeita. Mais ali na frente, naquela curva, haverá uma rosa orvalhada. Será que chego lá?

Tem hora em que a gente quer desabafar com o leitor um assunto especial, e escrever umas coisas proibidas. Sabe aquela parte – a melhor, sempre – que fica nas entrelinhas? Então. Aquilo que se pensa e não se diz.

Minha irmã mais velha é sábia e repete sempre este ditado: “Você é escravo da sua palavra e rei do seu silêncio”. Quero ser a rainha de mim mesma, enquanto viver. A não ser que caia em desgraça. Ninguém tá livre, fala sério.

Olho as frutas verdes e a floração de algumas coisas imperecíveis à minha volta. Maturação, parto, sonho. Adivinho um perigoso fragor de astros caindo. O rumor do canavial ao vento, o coração da Terra pulsando. O Sol se move entre as palavras. Perdida de amor, pergunto: Deus, por que fizestes tudo isso, assim, sem ao menos nos avisar?

Uma vez, quando a manhã se abria, me fechei. Foi a pior coisa que fiz na minha vida. O coração não pode se fechar. Nunca. Nem um dia sequer. Não é verdade, meu anjo?

Tempo de dar graças

Dia destes, uma amiga querida e eu conversávamos solenemente sobre isso: agradecer por tudo o que nos cerca e nos facilita a vida. Ela disse que se senta na varanda, a casa em obras, medita e agradece. Contei que louvo a sagrada mesa onde faço minha refeição e tudo o que há de precioso na nossa cozinha. Mas, sobretudo, dou graças pela água, tão somente pela água.

A bênção da água chega até a nossa casa, feito um milagre maravilhoso! A água do nosso uso diário, a água que deixa a nossa roupa tão boa de usar novamente, limpa, fresca e perfumada. Esta

água benfazeja nos cura e nos salva sempre, quando nosso maior desejo é um banho quente e a cama com lençóis aconchegantes.

Ao cozinhar, vou lavando a louça e me lembro das cenas na tevê, as pobres mulheres que caminham por quilômetros equilibrando um balde na cabeça, levando para a casa e para os filhos uma água suja e perigosa. A imagem nos comove, ficamos indignados, mas para nós, basta abrir a torneira e a água está ali, um presente do céu.

Então, evoco a música celestial e eterna, um salmo encantador. A comida vai sendo feita, os utensílios lavados e penso na humilde “casinha de Nazaré”. A pobreza da Sagrada Família foi descrita no livro de uma mística que teve muitas visões. Maria cultivava uma horta, havia algumas árvores frutíferas no fundo do quintal, criação de aves, ela apanhava uma fruta para o Filho, guardava alguns ovos, colhia verduras. E quando estavam juntos, comiam em silêncio. A mesa e os bancos simples feitos por José. Tudo era paz.

Tanto já sonhei com uma casinha pequenina, onde o nosso amor nasceu. Mil vezes construí em pensamento uma gentil morada num terreninho em local aprazível, lá no campo. Ou numa praia deserta. Eu colocaria uma placa: “Senhor ladrão, não perca seu tempo. Sou uma aposentada e pensionista do INSS, o senhor deve ganhar mais do que eu. Tudo o que tenho é esta casinha e o carrinho na garagem. Lá dentro, não há jóias. O bem mais preciso é um computador. E dois relógios que foram do meu lindo. Por favor, não estrague nem a maçaneta e a porta de entrada. Muito grata”.

Na engenharia do meu sonho, louvo as coisas pequeninas, aparentemente insignificantes, mas sem as quais a vida se tornaria mais difícil. A agulha e a linha. A faca de cortar o pão. Um sofá bom. Um chuveiro novo. Minha mãe dizia que temos de valorizar tudo, usar o que compramos até acabar, pois cada coisa tem sua utilidade e sua sagrada presença entre nós.

Um canto ecoa pelos ares, ressoando no topo das colinas e dos rochedos, no alto dos telhados. Que toda a terra exulte e dê glórias ao Senhor. As aves do céu cantam em louvor ao Pai que as alimenta. As montanhas reverberam a glória divina, em esplendor e majestade. Um coração pequenino, cujo corpo começa a ser ven-

cido pelos anos, comprime-se em sua miséria terrena, adorando timidamente o Senhor dos exércitos.

É sempre tempo de dar graças e digo que minha alma glorifica o Senhor. Meu espírito exulta em Deus, meu Salvador. Louvor e glória a Vós, ó Deus do Universo. Meu poema jamais se completará. Não há verso terreno e humano que exprima a beleza tão antiga e tão nova, ó Pai das graças e das misericórdias.

A vida revisitada

Em alguns momentos, fazemos uma pausa para meditar no tanto de vida que a vida é. A vida e seu mistério intrínseco. A vida e o que ela nos revela todos os dias, seja na nossa luta diária, no riso e na lágrima, na vontade de errar menos, na esperança e nos sonhos.

Carl Jung escreveu: “Depois da metade da sua vida, comece uma nova vida”. A frase soa tão simples e fácil, como se partir para uma segunda metade fosse uma tarefa praticável e comum. Não, não é. Há que se perder a pose, para compreender o enunciado e iniciar uma nova vida.

Se para o autor Paulo Coelho, “o mundo conspira por aquilo que queremos”, pode-se acreditar, então, que uma força superior vela por nós sem cessar e nos ajuda a realizar nossos desejos. Pensamento positivo, sempre.

Clarice Lispector dizia que estava habituada a uma vida difícil e que uma vida fácil a deixava desnorteada. Ah, que bom é permitir ao coração que, primeiro, conheça o caminho mais espinhoso, para valorizar as calmarias e a fruição das alegrias.

Talvez não seja prudente acomodar-se no sofá confortável, mas compreender que a vida é feita de desafios e imprevistos e só vence quem não desiste. Não acostumar-se às facilidades, à bonança, e aceitar de joelhos a chegada das tormentas. Tal atitude forma com sabedoria um coração.

É tão fascinante o perigo de viver, mística é a dor de estar vivo. Há uma delícia em despertar a cada manhã, o corpo espreguiçando-se, respiração e tônus muscular, o movimento vital se espalhando em cada gesto. Pode haver algo mais belo?

Há muito mais, há o imaginário, o que se busca pela vida afora. Florbela Espanca escreveu num trecho do seu diário: “Faço, às vezes, um gesto de quem segura um filho ao colo. Um filho, um filho de carne e osso, não me interessaria, talvez, agora... Mas sorrio a este, que é apenas amor em meus braços.”

O que é apenas amor em nossos braços? Aquilo que ainda não existe, mas já é amado, um amor que possui a latência e a promessa. De graça, existe a Poesia, esta que nos redime e nos consola. Bendito seja todo verso libertador.

Um poema caído dos céus, feito um anjo, anda pela casa e anuncia novos tempos. Saudação escatológica, linguagem do amanhã. Com a tevê ligada, o mistério compete com o marketing e se dilui entre carros, eletrodomésticos e refrigerantes. Necessária e assombrosa Poesia! Já foi mais importante, talvez. Mas é preciso resistir, esta resistência heroica de cada manhã, sopro vital, grito primal, caverna ancestral de cada um.

Ao vencedor da corrida, o repórter perguntou sobre como chegou lá. O atleta respondeu sereno: “É simples. Eu não desisti.”

Não desistir da vida, jamais.

RAQUEL DELVAJE

PATRONO: BARÃO DE REZENDE – CADEIRA 40

Poema: Cantares da Travessia

(um relato de Bardo, um náufrago que ao se ver em uma ilha,
precisa vencer a si mesmo)

A partir do Canto XXXI inicia a terceira parte: Neves e Geadas.

XXVIII

Olhos de uma luz lúgubre, que empalma,
Sinto-me febril, quase adormecido.
A terra misturando em minha palma,
Raízes encrustando em meus ouvidos,
Misturou-se ilha, corpo e minha alma

E naquele torpor, vi a ilha gelando.
Se já não tinha nada de esperança,
Os olhos do mal que iam me mirando,
De um navio, que sumia em águas mansas,
E fiquei ali, caído... delirando.

E no peito uma dor agonizante,
Ouve-se um dolorido soluçar.
A noite caiu fúnebre e errante,
E aquele choro ecoou por céu e mar...
Por colinas e estrelas mais distantes.

XXIX

Ao perceber que havia amanhecido,
Os meus olhos abrindo lentamente,
Temeroso eu fiquei ao ouvir gemido,
Pávido saltei, ao ver em minha frente,
Enorme e feroz urso adormecido.

Surgiu dentro de mim uma esperança...
Se aquele urso havia me aquecido,
E se tudo que havia em mim, que cansa,
Desfazendo-se agora... espargido,
Era a força divina em minha andança.

Naquela manhã pude acreditar,
Que mesmo a ilha estando congelada,
Nem montanhas, nevascas, nem o mar,
Vejo que neste mundo não há nada,
Meu amor, que poderá nos separar.

XXX

Bardo pôde avistar um Sol poente,
Aquecido no velho urso cansado.
No primeiro dia viu o quanto doente
E como estava ele derrotado...
Vencido pelo tempo... Duramente.

Naquela tarde, eram dois vencidos.
Quando no coração se dissipava
esperança, pois tinha fenecido
dentro deles, o viço que brilhava.
Bardo cuidou do urso adoecido.

Foi durante três dias a jornada.
Alimentava-o com muitas pequenas
porções do javali e também pescadas.
No olhar agradecido, luz serena...
Encerrou a vida... Na fria madrugada.

XXXI

As montanhas e vales congelados,
Gelos descortinados pela vista,
Por dentro, Bardo havia invernoado
Em uma grande dor redentorista,
Na triste ilha do vento atribulado.

Uma enorme saudade flagelava,
Dentro do peito a dor que não ia embora,
Fora do peito o frio vivo, surrava,
Tudo era gelo, por dentro e por fora.
Sabia que ficar não adiantava.

Perdido na ilha, dores obscenas
E todas nossas luzes apagadas.
Dizia, enfim: – Poeta, valeu a pena?
Formou minha alma, frágil, amparada,
Em uma ignóbil fé, impura e pequena.

XXXII

Por aquelas manhãs, a minha vista
ofuscava no gelo das colinas.
O céu azul e o branco tão purista,
Paisagem que será minha rotina
Em dias maus e em outros pessimistas.

Um Bardo ajoelhado, triste, ora,
Um naufrago perdido numa ilha,
Sem ter as esperanças boas de outrora,
Uma alma contristada e andarilha,
Sem pouso e sem destino a ir embora.

Protegia meu corpo da geada,
quente pele do urso falecido,
Mas a alma para sempre tão gelada.
E na saudade, um peito carcomido,
E no gelo, uma ilha condenada.

XXXIII

Bardo andava por vales e colinas,
para alcançar o barco abandonado.
A visão ofuscada por neblinas,
As tardes e manhãs no descampado
E Deus acompanhava a minha sina.

Minha alma solidão tornou-se ilha,
Assim, em tantas vezes duvidava.
Na caminhada não existem trilhas,
Sofria menos quando acreditava,
Contudo, acreditar era a guerrilha.

E na nevasca eu via-me perdido.
Quando penso em teus olhos muito ternos,
No tempo e sacrifício envolvidos,
Em um grande conflito me consterno,
Pois sou um vencedor e sou vencido.

XXXIV

Dois dias de jornada e de fado
Com os pés doloridos eu seguia.
E trôpegos, na neve, ritmados,
esperançosos passos dividiam
o frio, com outros passos desolados.

Vi a neve surrando-me, tão brava,
Por volta das três horas da manhã,
Deitado sobre o gelo eu avistava
um vulto caminhando num afã...
No momento e silêncio que eu cismava.

Bardo aterrorizado com o inferno,
Vê do vulto, um fantasma. Muto espanta.
E de todos os seus medos internos,
Encheu-se de pavor, e da garganta
um grito ecoou... Por todo o inverno.

XXXV

A aurora era somente uma utopia.
Do silêncio e do escuro fez-se um grito.
Em minha direção um vulto crescia,
Que imediatamente disse aflito:
– Coragem! Sou eu, quanta heresia!

As madrugadas frias e pagãs,
Só transformaram Bardo em assustado,
Um naufrago perdido no amanhã,
sem um hoje. Sabendo que ao seu lado
pode agora ter um anjo... ou satã.

Enfim, pode escutar voz que acalanta:
– Coragem, sou eu, não fiques com medo.
Era uma voz suave, muito santa,
Vi no clarão meu anjo, meu rochedo,
Em prantos, abracei-o, em dores tantas.

SHIRLEY BRUNELLI CRESTANA

PATRONO: SALVADOR DE TOLEDO PIZA JUNIOR – CADEIRA 27

Brevidade

Há um suspiro inaudível
um gosto de mistério
na boca desmedida da noite.
Há um silencio de pedra
postado na discreta janela
pela qual meu olhar escapa e se perde
na indiferença da rua
tão fria
tão triste
sem você e sem lua

Domingo

Dia insólito
oceano bravio
a provocar maré de solidão.
Encosto a cabeça
na fragilidade do silêncio
ao perceber a invisível e amarga
ronda do tempo.
Os ruídos foram engolidos
pelas horas quentes e corrompidas
desse dia fantasma.
Se alguém me visse assim
pensaria que me encontro
em estado de meditação
porque estou estática
como pedra grudada no chão.

Perplexidade

Há um desapontamento sem nome
escancarado nos seus olhos
e um grito sem amanhã
a violentar minha paz interior.
Nada faz sentido hoje
para este coração de aço
insistente
teimoso
sem vergonha
que circula em marcha lenta
dentro de todo poema que faço!

Renovação

Sou realidade pensante
feita de conflitos e lutas
em constante recomeço.
Preciso tanto
que a paz desça sobre mim
pela luz de uma estrela
e lave meu espírito
com as águas de inefável fonte.
Depois
enxuga-me com o manto do silêncio
oh! Iluminada lua
e pede aos astros que fechem os olhos
enquanto acendo um incenso
e espero o amanhecer
completamente nua!

Se possível fosse

Neste mundo tridimensional
no qual estagio
sinto que
o tempo deveria parar...
Seria mágico
possuir asas
pousar na tua janela
e ficar para sempre
na mira do teu olhar...

VITOR PIRES VENCovsky

PATRONO: JORGE ANÉFALOS – CADEIRA 30

A sociedade do algoritmo

O dia 30 de novembro de 2022 entrou para a história, marcando o início de um novo período. Foi nesse dia que a empresa OpenIA lançou o ChatGPT, um serviço baseado em inteligência artificial capaz de criar textos com facilidade e grande qualidade. Após alguns meses de seu lançamento, comentários de todos os tipos, favoráveis ou não, estiveram presentes em salas de aula, salas de reuniões nas empresas, noticiários e rodas de conversas.

Esse pioneirismo foi seguido por outros serviços, buscando revolucionar os processos de produção de textos e de obtenção, organização e análise de informações. A preocupação de produtores culturais, em geral, e literários, em particular, foi grande. Pela primeira vez, uma máquina passou a executar uma tarefa até então exclusiva de um ser humano.

O momento atual é de ruptura, em que processos vigentes e consolidados são substituídos por outros mais eficientes. É uma situação que incomoda as pessoas, pois exige novas formas de pensar e agir. O que existe de certeza é que a história está se repetindo, assim como foi nos momentos da criação da imprensa de Gutenberg, da máquina de escrever, do computador e seus corretores ortográficos, da Internet e das mídias sociais.

A preocupação da literatura com relação ao uso de novas tecnologias não é uma novidade. A utilização de algoritmos ou padrões para auxiliar na produção literária é mais antiga do que se imagina. Em 1949, Joseph Campbell publica o livro “The Hero with a Thousand Faces” (O Herói de Mil Faces), demonstrando que existe uma estrutura narrativa que torna uma história mais envolvente e humana. É um modelo ou algoritmo analógico utilizado por diversos produtores literários, cinematográficos e de jogos, que buscam sempre por melhores resultados e maior sucesso em suas produções.

Mais recentemente, já na era dos computadores, Jodie Arche e Matthew Jockers criaram algoritmos para analisar textos, com o

objetivo de identificar livros que pudessem se tornar campeões de vendas. O trabalho, que analisou padrões linguísticos de milhares de romances, foi divulgado em 2016 no livro “The Bestseller Code: Anatomy of the Blockbuster Novel”. Esses algoritmos digitais podem ser considerados os precursores das IAs generativas utilizadas atualmente.

Tanto a jornada do herói, proposta por Joseph Campbell, quanto o algoritmo de Arche & Jockers procuram tratar da emoção como garantia de sucesso das narrativas. Apesar dos limites envolvidos, o uso de algoritmos é uma realidade que vem favorecendo leitores e consumidores de cultura.

Histórias curtas da infância

A avó, acostumada com métodos antigos para colocar ordem na casa, pede para que seus netos busquem o chinelo. E foi exatamente isso que aconteceu. Os netos correram pela casa, pegaram a ferramenta de espancamento e a colocaram ao lado da avó. As crianças ficaram imóveis, olhando para cima e sem entender o que estava acontecendo. A avó falou para a filha: você não ensinou para seus filhos para que serve um chinelo?

* * *

A criança era muito esperta. Estava sempre atenta com os acontecimentos ao seu redor. Falar e correr eram suas atividades preferidas. Ao passar pela cancela do estacionamento de um hospital, para visitar a sua avó internada, ele disse em tom firme: bem vindo e boas compras. Todos no veículo caíram na risada, pois o passeio não era exatamente no centro de compras da cidade.

* * *

Os netos voltaram mais uma vez para almoçar na casa dos avós. A mesa grande estava cheia de gente, o que garantia um foforrão intenso e muita animação. Apesar da alegria de todos, algo não estava condizente com o esperado: as crianças não paravam de falar e de se remexer nas cadeiras. A reclamação delas era de dor nas costas. Mas como uma dor pode ser motivo de risadas? A preocupação de todos foi transformada em risadas quando o fato

foi esclarecido. O acabamento de couro das cadeiras antigas era preso à estrutura de madeira com o uso de tachas, que pareciam mais com pregos ponteagudos, cutucando as costas dos ocupantes. As crianças diziam que aquelas cadeiras foram criadas para torturar os visitantes, para que eles terminassem logo a refeição e fossem embora. A imaginação fértil das crianças é assim mesmo, transforma dificuldades em histórias engraçadas.

WALTER NAIME

PATRONO: SEBASTIÃO FERRAZ – CADEIRA 37

Os chinelos do pecador

Ninguém sofre mais nessa vida do que o chinelo. Ele não pediu pra nascer de borracha, não fez curso de masoquismo, e mesmo assim passa a existência inteira sendo pisado. Não só pisado: é arrastado, chutado pra debaixo da cama, esquecido no quintal, mordido pelo cachorro. Se existir purgatório de calçados, o chinelo já nasce com visto permanente.

E por que justamente ele paga nossos pecados? Porque pecado é o que mais tem. No amor, é trair a confiança. Na cozinha, é botar ketchup na pizza. No trabalho, é roubar a caneta do colega. Pecado consciente é quando a gente erra sabendo vou meter essa mentira porque me convém. Pecado involuntário é quando tropeçamos na vida sem perceber opa, peguei o troco errado.

Na política, então, pecado é cardápio de rodízio: roubo, mentira, enganação, promessa furada. O povo, nesse caso, é o chinelo, sempre sendo pisado, sempre levando pedrada no solado. E ainda aparece político dizendo que é do jogo. Do jogo de quem, cara pálida?

Na literatura, o chinelo já teve dias de glória. As Sandálias do Pescador mostraram a simplicidade papal. Lindo. Mas aqui, a versão realista é o chinelo do pecador: quanto mais pecamos, mais ele gasta. Até que aparece o buraco, e aí vem o castigo: asfalto quente, cascalho pontudo, chiclete grudado.

Filosofia de boteco: é melhor pisar firme nos chinelos do pecado ou arrastá-los, torturando as pernas? Porque, se não houvesse pecado, os chinelos ficariam novos, guardados na caixa, cheirando a borracha fresca. Seria a santidade em forma de sola. Mas quem aguenta viver sem história, sem correia arrebitada, sem marca de uso? Chinelo virgem é bonito só na vitrine.

Por isso, lanço aqui o novo mandamento: Bem-aventurado o chinelo confortável, porque ele trará paz ao usuário. E os pecados políticos de hoje, mentira institucionalizada, corrupção e clientelismo merecem castigo: chinelos de camelô, que arrebitam na

primeira esquina. O eleitor que se vire com bolhas no pé.

A relação pé-chinelo é íntima: um se molda ao outro. Não é à toa que o ditado já avisa: Quem nasceu pra sapateiro não passa de chinelo. Em bom português: todo mundo, no fim, é apenas sola gasta no teatro da vida.

E a moral? Se o seu chinelo já tá fedendo de velho, cuidado: o cheiro pode contaminar até sua decisão de voto. Hora de trocar, não só o calçado, mas também as culpas acumuladas.

Porque, veja bem: viver é como andar sobre ovos. Se quebrar, é culpa sua. Se não quebrar, foi sorte. Mas ninguém atravessa essa travessia sem chinelo. E se o par furar, vai de calcanhar de fora mesmo porque a vida não espera.

No fim das contas, o chinelo é o espelho da nossa alma pecadora: pisa, gasta, fura, fede, mas continua fiel. A gente troca de carro, de celular, de partido e até de santo protetor, mas o chinelo está lá, firme, acompanhando cada deslize.

E é nessa hora que o bar fecha, a última cerveja esquenta, e a sabedoria popular se impõe: enquanto houver pecador, haverá chinelo. E quanto mais pecador, mais gasto ele fica. Porque no tribunal da vida não é a toga, nem a batina, nem a farda que condena, é o par de chinelos, furado, fedido, mas leal até o juízo final.

APL EM AÇÃO 2024

AGOSTO

A escritora Ivana Maria França de Negri lançou o sexto livro da Coleção Lendas e Personagens Folclóricos de Piracicaba, “Elias dos Bonecos”, com ilustrações de Ana Laura e Ana Liz, durante a FLICO, Feira Literária do Colégio Objetivo.



Sarau das Marias, realizado pela Prefeitura e SEMAC na Pinacoteca Municipal, no último dia 16, teve a participação, entre outras atrações, das poetisas:

Elisabete Bortolin, Ana Maria Muller, Ivana Negri, Lourdinha Soder, Christina Negro e Leda Coletti. E a coordenação da contadora de Histórias Carmelina Toledo Pisa.



Marcelo Pereira da Silva fez a apresentação “Cenas e Letras” na Biblioteca Municipal, onde fez análise de cenas e leituras abordando o tema “suspense”

Ivana Negri, Marcelo Silva e Vitor Vencovsky foram jurados do Concurso Cultural da FOP – Faculdade de Odontologia de Piracicaba

Dia 28 a Academia Piracicabana de Letras empossou os dois novos membros: Eliete de Fatima Guarnieri e Marcelo Pereira da Silva. E a palestrante da noite foi a acadêmica Bianca Rosenthal.



A acadêmica e escritora Ivana Maria França de Negri, a convite do Instituto de Educação Baroneza de Rezende, falou das Lendas de Piracicaba e do Projeto Livro com Pezinhos com as crianças dos 2os anos.

E também, Ivana Negri foi entrevistada no Programa Piramônia para falar do seu novo livro e sobre as Lendas Piracicabanas

Dia 31, a acadêmica e contadora de histórias Carmelina T. Piza contou histórias no Museu Prudente de Moraes e na Pinacoteca.

SETEMBRO

A acadêmica Valdiza Capranico lançou o livro Tutti Buona Gente no Salão de Festas do Lar Escola Coração de Maria no dia 6.

Lançamento dos livros de poesia da acadêmica Eliete e sua filha Isabela Guarnieri na sede da Società Italiana dia 17

A escritora Ivana Maria França de Negri esteve a convite das professoras e diretora, na Escola Mundo Mágico para falar das lendas de Piracicaba com as crianças. Elas ganharam livrinhos e marcadores de livros.

OUTUBRO

Em 5 de outubro o acadêmico Vitor Pires Vencovsky lançou virtualmente o livro fotográfico no formato e-book e o filme, registros de Otto Vencovsky, que completaria 125 anos em outubro, sobre as formações geológicas de Vila Velha,Paraná.

Acadêmicos Vitor Pires Vencovsky e Valdiza Capranico lançaram no Lar Escola Coração de Maria, o livro infantil “O trem está voltando” com ilustrações de Erasmo Spadoto.

Nos dias 25, 26 e 27 de outubro, os grupos literário CLIP – Centro Literário de Piracicaba, GOLP – Grupo Oficina Literária de Piracicaba e APL – Academia Piracicabana de Letras, em conjunto com a SEMAC e Biblioteca de Piracicaba, realizaram a 5ª edição da FLIPIRA – Festa Literária de Piracicaba, que teve a presença do consagrado escritor Ignacio de Loyola Brandão. Mais de 6 mil pessoas circularam pela Festa que teve palestras, oficinas, apresentação de danças, musicais, com praça de alimentação, livrarias, editoras, expositores e mais de 60 escritores presentes.





Na abertura do evento na Biblioteca Municipal, o acadêmico Armando Alexandre dos Santos proferiu palestra sobre vida e obra da homenageada da FLIPIRA, a escritora Cecília Meirelles.



E a escritora Ivana de Negri inaugurou a exposição “Janelas do Mundo” com fotos sob a perspectiva de janelas de vários países com poemas.



DEZEMBRO

A acadêmica Carmen Pilotto foi curadora da revista histórica *Esalqsempre*, que já tem 5 volumes editados.



Dia 14 de Dezembro aconteceu a confraternização de final de ano dos grupos literários de Piracicaba CLIP, GOLP e APL, na Biblioteca Municipal, junto com o lançamento da Revista no 21 da Academia Piracicabana de Letras.





APL EM AÇÃO 2025

JANEIRO

Dia 9, faleceu Paulo Bassetti, membro da Academia Piracicabana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Como acontece todo ano, o evento “Ato em Memória das Vítimas do Holocausto” organizado pelo jornalista Maurício Ribeiro, teve a participação de membros da Academia Piracicabana de Letras, e a página literária, Prosa e Verso, foi dedicada ao tema na Tribuna Piracicabana.

A acadêmica Bianca Rosenthal recebeu o troféu Machado de Assis no Rio de Janeiro por sua contribuição à literatura.

FEVEREIRO

A primeira oficina literária do ano aconteceu na Biblioteca Municipal, realizada pelos grupos literários CLIP, GOLP e Academia Piracicabana de Letras, a cargo da escritora Ivana de Negri. O tema foi “PALAVRAS”.



A acadêmica Lídia Sendin lançou “Entretecer – Tecitura em dois fios Prosa e Poesia” na Biblioteca durante Oficina Literária



A 4ª edição do troféu Pirarazzi de Cultura, realizado pelo promotor Cultural Elson de Belém teve como indicação os acadêmicos: e seus respectivos livros lançados em 2024:

Antônio Filogenio de Paula Junior :”Jornada com Amadou Hampâté Bá: Diálogos entre África-Brasil”, Cássio Camilo Almeida de Negri: “Apenas Palavras”, Eliete de Fátima Guarnieri: “Quando a Alma Viaja”.

A acadêmica e contadora de histórias Carmelina T. Piza inaugurou no Museu Prudente de Moraes uma exposição com ilustrações do seu livro Digui, Digui, Digui passa o ponto.

MARÇO

Oficina Literária organizada pelos grupos literários, na Biblioteca Municipal, a cargo do acadêmico Cassio Camilo Almeida de Negri. Tema: “O nada”.

A coluna literária Prosa e Verso, coordenada pelas acadêmicas Ivana Negri e Carmen Pilotto, ganhou da Tribuna Piracicabana, tabloide especial de oito páginas coloridas, pelos 25 anos ininterruptos de circulação. A primeira edição foi coordenada por Ludovico da Silva e Ivana Negri em março de 2000.



A acadêmica Eliete de Fatima Guarnieri participou de duas coletâneas: “A vida é mais que um polígono” e “Centenário Anna Maria Martins”, lançadas em março em São Paulo.

No dia 14 aconteceu na Biblioteca Municipal o evento de premiação dos alunos selecionados no Concurso Cultural da FLIPIRA. Foram dez os premiados, sendo 1º, 2º e 3º lugares e sete Menções Honrosas.



As acadêmicas Carmen Pilotto e Ivana Negri tiveram seus trabalhos selecionados para a exposição “Batom, Lápis e o que elas quiserem”.

A acadêmica Valdiza Maria Capranico relançou o livro “Tutti Buona Gente” na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

O Museu Histórico Prudente de Moraes foi palco do Sarau de Outono, comandado pela escritora Elisabete Bortolin, e as homenageadas foram as escritoras Carmen Pilotto e Ana Marly Jacobi-no.. Teve apresentação de música, esquete teatral, declamação de textos entre outras atrações.



As acadêmicas Ivana de Negri e Elisabete Bortolin foram juradas do Concurso Poesia na Janela, realizado pela ESALQ.



A Academia Piracicabana de Letras realizou Assembleia Geral Ordinária para prestar contas e planejar ações da APL para o ano de 2025.

ABRIL

Oficina Literária organizada pelos grupos literários, na Biblioteca Municipal, a cargo da acadêmica Raquel Delvaje. Tema: “Figuras de linguagem”

A acadêmica Carmelina de Toledo Piza participou da FLLIM – Feira Literária Limeirense

Em 12 de abril, o acadêmico Antonio Filogênio de Paula Júnior apresentou o “Café com Prosa” um reencontro com as epistemologias africanas no Brasil.



A acadêmica e escritora Eliete de Fatima Guarnieri recebeu o troféu Pirarazzi na categoria escritor de 2024.

A acadêmica Bianca Rosenthal participou como jurada do concurso de poesias organizado pelo Colégio Anglo.

No dia 26 acadêmicos reuniram-se em assembleia para eleger a chapa única concorrente para o triênio 2025/2028.



Presidente: Raquel Araujo Delvaje

Vice-presidente: Vitor Pires Vencovsky

1a Secretária: Elisabete Jurema Bortolin

2a Secretária: Ivana Maria França de Negri

1a Tesoureira: Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

2o Tesoureiro: Edson Rontani Júnior

Diretora de Acervo: Christina Aparecida Negro Silva

Conselho Fiscal:

Antonio Carlos Fusatto,

Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal e

Cássio Camilo Almeida de Negri

Jornalista Responsável: Evaldo Vicente

Conselho editorial:

Aracy Duarte Ferrari,

Eliete de Fátima

Guarnieri, Leda Coletti

Lídia Varela Sendin e

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins.

A acadêmica Ivana Maria França de Negri esteve na unidade Dom Bosco São Mario, a convite dos coordenadores, para conversar com alunos do 8º ano que fizeram perguntas e conheceram as Lendas de Piracicaba, o Projeto Livro com Pezinhos e o escritor piracicabano Thales Castanho de Andrade.



MAIO

Oficina Literária organizada pelos grupos literários e Academia Piracicabana de Letras, na Biblioteca Municipal, a cargo da acadêmica Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal. Tema: “A arte do subtexto”.



Dia 30, aconteceu a posse da nova Diretoria da Academia Piracicabana de Letras para o triênio 2025/2028, que ficou assim formada: Presidente: Raquel Araujo Delvaje, Vice-presidente: Victor Pires Vencovsky, 1a Secretária: Elisabete Jurema Bortolin, 2a Secretária: Ivana Maria França de Negri, 1a Tesoureira: Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto, 2o Tesoureiro: Edson Rontani Júnior, Conselho Fiscal: Antonio Carlos Fusatto, Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal e Cássio Camilo Almeida de Negri, Diretora de Acervo: Christina Aparecida Negro Silva, Jornalista Responsável: Evaldo Vicente, Conselho editorial: Aracy Duarte Ferrari, Eliete de Fátima Guarnieri, Leda Coletti, Lídia Varela Sendin e Maria de Lourdes Piedade Soderó Martins

JUNHO

Em junho, a acadêmica Valdiza Maria Capranico, professora, escritora e bióloga, recebeu homenagem na cidade de Leme por ter sido a fundadora da Universidade Livre do Meio Ambiente de Leme em 1966, a primeira do Estado de São Paulo.

As acadêmicas Elisabete Bortolin e Ivana Negri, junto com a presidente Raquel Delvaje, estiveram na abertura da Feira Carto-neras no Engenho Central, que contou com as presenças do secre-

tario de Cultura Carlos Beltrame, do organizador da Feira Antonio Chapeu, Solange e Melysse Martin, representante da Biblioteca Municipal.

A historiadora e acadêmica Marly Perecin foi entrevistada no Programa Piracicaba em Destaque pelo jornalista César Costa. O tema foi História da Educação.



Dia 26 aconteceu o Sarau de Inverno no Museu Prudente de Moraes, realizado pela Academia Piracicabana de Letras e grupos literários. A apresentadora foi a escritora acadêmica Carmen Pilotto e a homenageada foi a também escritora e acadêmica Ivana Negri.



O concurso literário “Paradas pro Sucesso”, evento realizado pela médica Juliana Previtalli, contou com a participação da acadêmica Ivana Maria França de Negri no corpo de jurados. A premiação ocorreu no Teatro do Engenho no dia 26.

JULHO

O acadêmico e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Edson Rontani Júnior, realizou sessão de autógrafos do livro “Cartas a Piracicaba” que retrata a sociedade piracicabana durante o ano de 1932. Foi no Museu Prudente de Moraes no dia 8 de julho;



A juíza, escritora e acadêmica Eliete de Fátima Guarnieri lançou o terceiro livro da trilogia no dia 10 de julho na Galeria Florença no bairro Monte Alegre.



Escritor e acadêmico Marcelo Silva participou de um projeto que une literatura e teatro, o clássico Dom Quixote de La Mancha em adaptação cênica no Liceu Piracicaba.



AGOSTO

A contadora de histórias e acadêmica Carmelina T. Piza deu oficinas “A Arte de Contar Histórias e Escrita Criativa” que resultou numa exposição no Museu Prudente de Moraes – Histórias que Libertam, valorizando talentos da Fundação Casa.



A escritora e acadêmica Ivana Maria França de Negri lançou um livro infantil reunindo lendas e personagens folclóricos de Piracicaba. Foi na FLICO – Feira Literária do Colégio Objetivo.

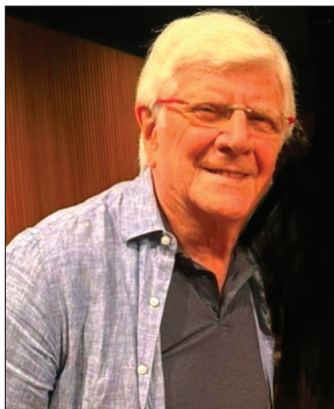


O jornalista e acadêmico João Nassif recebeu do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba a Medalha Prudente de Moraes



A escritora, acadêmica e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Valdiza Maria Capranico, recebeu o título de cidadã Praeclarus da Câmara de Vereadores de Piracicaba pela sua trajetória.

SETEMBRO



O escritor, acadêmico e músico Newman Ribeiro Simões lançou um livro de poesias no auditório da ACIPI “Marcas do Tempo” no dia 2 de setembro.

A historiadora e acadêmica Marly Therezinha Germano Percein lançou o livro “O Pássaro da Vez” na Academia Ituana de Letras.

O Sarau da Primavera, organizado pela escritora Christina Negro Silva, no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, homenageou a acadêmica e contadora de histórias Carmelina de Toledo Piza

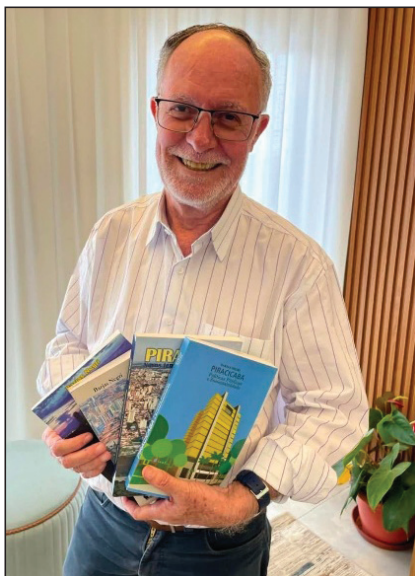


O acadêmico e ator Marcelo Silva atuou no musical “Virgem das Dores – Da Dor à Esperança”, no Teatro do Engenho no dia 21 em duas sessões.

O jornalista, acadêmico e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Edson Rontani Júnior relançou o livro “Cartas a Piracicaba” no Instituto Beatriz Algodual, com palestra e café.

OUTUBRO

Acadêmico Barjas Negri autografa mais um livro, na ACIPI, dia 8 de outubro às 19h, “Almanaque Piracicaba 1001 Ruas”



O livro do acadêmico Edson Rontani Junior “Cartas a Piracicaba” ganhou Moção de Aplausos da Câmara de Vereadores.

A escritora e acadêmica Carmen Pilotto esteve no Colégio São Dimas levando a história de Ermelinda Queiroz e o Projeto Livro com Pezinhos para as crianças



A escritora e acadêmica Bianca Rosenthal lançou o livro “Bem Estar nas Relações de Trabalho” junto com outros autores, nas cidades de Piracicaba, São Paulo e Recife.



Aconteceu no Engenho Central, nos dias 17, 18 e 19, a maior festa literária de Piracicaba, a FLIPIRA, em sua 6ª edição. Organizada pelas escritoras acadêmicas Carmen Pilotto, Elisabete Bortolin, Ivana de Negri, Raquel Delvaje e também pela coordenadora da Biblioteca Municipal Melysse Martim, realização da Prefeitura Municipal através das Secretaria de Cultura e Turismo, Academia Piracicabana de Letras, Centro Literário de Piracicaba e Grupo Oficina Literária de Piracicaba. O homenageado local foi o fundador do GOLP Ludovico da Silva. Também homenageado, Machado de Assis e o escritor e jornalista Cecílio Elias Netto pelos 85 anos de vida, 70 de jornalismo, 60 de literatura e 10 anos do ICEN (Instituto Elias Netto).



**Diretoria da Academia Piracicabana de Letras
Triênio 2025/2028**

Presidente – Raquel Araujo Delvaje

Vice-presidente – Vitor Pires Vencovsky

1ª Secretária – Elisabete Jurema Bortolin

2ª Secretária – Ivana Maria França de Negri

1ª Tesoureira – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

2º Tesoureiro – Edson Rontani Júnior

Diretora de Acervo – Christina Aparecida Negro Silva

Conselho Fiscal

Cássio Camilo Almeida de Negri

Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal

Antonio Carlos Fusatto

Jornalista Responsável – Evaldo Vicente

Conselho editorial

Leda Coletti

Eliete de Fátima Guarnieri

Maria de Lourdes Piedade Soderó Martins

Aracy Duarte Ferrari

Lídia Varela Sendin

GALERIA ACADÊMICA

- Alexandre Sarkis Neder – Cadeira nº 13 (Dario Brasil)
Angela Maria Furlan – Cadeira nº 25 (Francisco Lagrecia)
Antonio Carlos Fusatto – Cadeira nº 6 (Nélio Ferraz de Arruda)
Antonio Filogenio de Paula Junior – Cadeira nº 12 (Ricardo Ferraz de Arruda Pinto)
Aracy Duarte Ferrari – Cadeira nº 16 (José Mathias Bragion)
Armando Alexandre dos Santos – Cadeira nº 10 (Brasílio Machado)
Barjas Negri – Cadeira nº 5 (Leandro Guerrini)
Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal – Cadeira nº 31 (Victorio Angelo Cobra)
Carmelina de Toledo Piza – Cadeira nº 29 (Laudelina Cotrim de Castro)
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira nº 19 (Ubirajara Malagueta Lara)
Cássio Camilo Almeida de Negri – Cadeira nº 20 (Benedito Evangelista da Costa)
Christina Aparecida Negro Silva – Cadeira nº 17 (Virgínia Prata Gregolin)
Edson Rontani Júnior – Cadeira nº 18 (Madalena Salatti de Almeida)
Elda Nympha Cobra Silveira – Cadeira nº 21 (José Ferraz de Almeida Junior)
Eliete de Fátima Guarnieri – Cadeira nº 22 (Erotides de Campos)
Elisabete Jurema Bortolin – Cadeira nº 7 (Helly de Campos Melges)
Evaldo Augusto Vicente – Cadeira nº 23 (Leo Vaz)
Ivana Maria França de Negri – Cadeira nº 33 (Fernando Ferraz de Arruda)
Jamil Nassif Abib (Mons.) – Cadeira nº 1 (João Chiarini)
João Baptista de Souza Negreiros Athayde – Cadeira nº 34 (Adriano Nogueira)
João Umberto Nassif – Cadeira nº 35 (Prudente José de Moraes Barros)
Leda Coletti – Cadeira nº 36 (Olívia Bianco)
Lídia Varela Sendin – Cadeira nº 8 (Fortunato Losso Netto)
Marcelo Batuíra da Cunha Losso Pedroso – Cadeira nº 15 (Archimedes Dutra)
Marcelo Pereira da Silva – Cadeira nº 28 (Delfim Ferreira da Rocha Neto)

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – Cadeira n° 26 (Nelson Camponês do Brasil)

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira n° 3 (Luiz de Queiroz)

Maria Madalena Tricânico de Carvalho Silveira – Cadeira n° 14 (Branca Motta de Toledo Sachs)

Marisa Amábile Fillet Bueloni – cadeira n° 32 (Thales castanho de Andrade)

Marly Therezinha Germano Perecin – Cadeira n° 2 (Jaçanã Althair Pereira Guerrini)

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 (José Maria de Carvalho Ferreira)

Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 (Maria Cecília Machado Bonachela)

Newman Ribeiro Simões – Cadeira n° 38 (Elias de Mello Ayres)

Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 (José Luiz Guidotti)

Raquel Delvaje – Cadeira n° 40 (Barão de Rezende)

Shirley Brunelli Crestana – Cadeira n° 27 (Salvador de Toledo Piza Junior)

Valdiza Maria Capranico – Cadeira n° 4 (Haldumont Nobre Ferraz)

Vitor Pires Vencovsky – Cadeira n° 30 (Jorge Anéfalos)

Waldemar Romano – Cadeira n° 11 (Benedicto de Andrade)

Walter Naime – Cadeira n° 37 (Sebastião Ferraz)



REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS - 2025
produzido em impressão digital, em novembro de 2025

PRIMEIRA LEITURA

(19) 98227-0005 — grafica@edconhecimento.com.br
Impresso em Book Bold 80g, Bignardi Papeis

